



**UFC**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE CIÊNCIAS**

**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**

**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**GIOVANNI MATHEUS SANTOS DE SOUSA**

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE  
EXPERIÊNCIA DE UM LICENCIANDO EM UMA EMPRESA JÚNIOR**

**FORTALEZA**

**2025**

GIOVANNI MATHEUS SANTOS DE SOUSA

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE  
EXPERIÊNCIA DE UM LICENCIANDO EM UMA EMPRESA JÚNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador: Profa. Dra. Marina Duarte Pinto Lobo.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S696e Sousa, Giovanni Matheus Santos de.  
Educação empreendedora e formação docente : relato de experiência de um licenciando em uma empresa júnior / Giovanni Matheus Santos de Sousa. – 2025.  
55 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,  
Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2025.  
Orientação: Profa. Dra. Marina Duarte Pinto Lobo.

1. Empreendedorismo. 2. Ciências biológicas. 3. Docência. I. Título.

CDD 570

---

GIOVANNI MATHEUS SANTOS DE SOUSA

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE  
EXPERIÊNCIA DE UM LICENCIANDO EM UMA EMPRESA JÚNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Marina Duarte Pinto Lobo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira de Oliveira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Erika Freitas Mota  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais e a todos que acreditam na  
educação como forma de transformação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado forças e consciência.

A minha família, em especial os meus pais, Cleantes Cruz de Sousa e Adriana Moura Santos, por sempre me mostrarem o caminho da educação e estudo, dando-me apoio e incentivo para sempre me aperfeiçoar e buscar meus sonhos, e meu irmão João Guilherme Santos de Sousa, por sempre me mostrar uma nova forma de ver o mundo.

À Profa. Dra. Marina Duarte Pinto Lobo, minha orientadora, pelo desenvolvimento desse trabalho, conduzido com responsabilidade, ética, segurança e contribuições que acrescentaram ao meu processo intelectual profissional e pessoal.

A todos os professores do curso de Ciências Biológicas, que me proporcionaram a oportunidade de aprender técnicas, métodos, vivências e repensar as ideologias ambientais, educacionais e sociais que moldam nosso país.

À Mata Branca Jr. e a todos que passaram por ela, acreditando nos sonhos de uma formação mais ampla, empreendedora, prática e para criação de um futuro melhor para todos.

Aos meus amigos, que me acompanharam ao longo de toda minha jornada, estando junto comigo nos momentos de dor, alegria, dificuldades e conquistas.

Quero fazer um agradecimento especial a minha amada Ana Caroline Nascimento Souza, por tanto me incentivar, apoiar e acreditar em mim, em todos os momentos.

E a todos os demais que direta ou indiretamente estiveram ao meu lado durante minha formação.

“Tu, ó Deus, Tu vendes todos os bens aos homens pelo preço do esforço” (Sertillanges, 2010, p. 106).

## RESUMO

As novas demandas sociais que surgem com o transformar rápido e inconstante do mundo cada vez mais tecnológico trazem a necessidade dos docentes como profissionais mais conscientes do seu meio. A busca pela inovação e a ressignificação do processo de aprendizagem visa preparar o professor para encarar uma sociedade repleta de incertezas. Dentro destes desafios surge a busca por metodologias amplas, dinâmicas e que coloquem o aluno como protagonista do agir social e educacional, dando todas as capacidades necessárias para que este compreenda e, ao mesmo tempo, mude seu meio social. A Educação Empreendedora se apresenta como ferramenta capaz de promover tal formação, dada sua ampla versatilidade e promoção de habilidades necessárias dentro desse contexto. Um dos principais promotores dessa formação dentro da estrutura universitária é o Movimento Empresa Júnior (MEJ) representado pelas Empresas Juniores (EJs). Desse modo, esse trabalho tem por objetivo a reflexão sobre as potencialidades desenvolvidas por um licenciando em Ciências Biológicas por meio de sua participação em uma EJ, a Mata Branca Jr. Desenvolvido a partir da metodologia de apresentação do relato de experiência das vivências desse licenciando, analisando as habilidades adquiridas por meio da comparação com a literatura de outras experiências empreendedoras. Conclui-se que a passagem pela Mata Branca Jr. contribuiu enormemente para formação docente do mesmo e caracterizando a educação empreendedora como alternativa pedagógica complexa que exige maior interesse e participação dos cursos de formação docente. Visto que tal experiência possibilitou promover ampliação das possibilidades para a docência, não limitada somente a sala de aula. Assim, é importante que as coordenações promovam mais incentivos não somente para a participação em EJs, mas também para ações que tragam o empreendedorismo como pauta de estudo no curso.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; Docência; Ciências Biológicas.

## ABSTRACT

The new social demands that arise with the rapid and inconsistent transformation of an increasingly technological world bring the need for teachers to be professionals who are more aware of their environment. The search for innovation and the redefinition of the learning process aims to prepare teachers to face a society full of uncertainties. Within these challenges arises the search for broad, dynamic methodologies that place the student as the protagonist of social and educational action, providing all the necessary skills for them to understand and, at the same time, change their social environment. Entrepreneurial Education presents itself as a tool capable of promoting such training, given its broad versatility and promotion of necessary skills within this context. One of the main promoters of this training within the university structure is the Junior Enterprise Movement (MEJ), represented by Junior Enterprises (EJs). Thus, this work aims to reflect on the potential developed by a Biological Sciences undergraduate student through his participation in an EJ, Mata Branca Jr. It was developed based on the methodology of presenting the experience report of this undergraduate student, analyzing the skills acquired through comparison with the literature of other entrepreneurial experiences. It is concluded that the time spent at Mata Branca Jr. contributed greatly to his teacher training and characterized entrepreneurial education as a complex pedagogical alternative that requires greater interest and participation in teacher training courses. Since this experience made it possible to promote the expansion of possibilities for teaching, not limited only to the classroom. Thus, it is important that coordinators promote more incentives not only for participation in EJs, but also for actions that bring entrepreneurship as a study topic in the course.

**Keywords:** Entrepreneurship; Teaching; Biological Sciences.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma de cargos da EJ Mata Branca Jr.....	30
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BNC-F	Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica
CBEJ	Confederação Brasileira de Empresas Juniores
CEI	Centro de Empreendedorismo e Inovação
CEMP	Centro de Empreendedorismo da UFC
CSAT	Customer Satisfaction Score
DAF	Diretoria Administrativo-Financeira
ECEJ	Encontro Cearense de Empresas Juniores
ENEJ	Encontro Nacional de Empresas Juniores
EJ	Empresa Júnior
ERE	Ensino Remoto Emergencial
FEJECE	Federação das Empresas Juniores do Ceará
FEJESP	Federação das Empresas Juniores de São Paulo
IES	Instituições de Ensino Superior
MEJ	Movimento Empresa Júnior
NPS	Net Promoter Score
PARTEC/ UFC	Parque Tecnológico da Universidade Federal do Ceará
PGRSS	Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos de Saúde
PS	Processo Seletivo
PT	Processo Trainee
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
2	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
2.1	<b>Formação docente</b> .....	16
2.2	<b>Educação empreendedora</b> .....	18
2.2.1	<i>Educação Empreendedora: caminho para transformação</i> .....	19
2.2.2	<i>Educação Empreendedora dentro das Ciências da Natureza</i> .....	21
2.2.3	<i>Formas de implementação da Educação Empreendedora</i> .....	21
2.3	<b>Empresas juniores</b> .....	22
2.4	<b>A Mata Branca Jr</b> .....	25
3	<b>OBJETIVOS</b> .....	29
3.1	<b>Objetivo geral</b> .....	29
3.2	<b>Objetivos específicos</b> .....	29
4	<b>PROCEDIMENTO METODOLÓGICO</b> .....	30
4.1	<b>Relato de Experiência</b> .....	30
4.1.1	<i>Caracterização da experiência vivenciada</i> .....	30
4.1.2	<i>Forma de análise</i> .....	31
5	<b>RESULTADOS / RELATO DA EXPERIÊNCIA</b> .....	32
6	<b>DISCUSSÃO</b> .....	44
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53



## 1 INTRODUÇÃO

A importância da formação do profissional docente como sujeito que estará à frente do processo de transmissão dos conhecimentos de uma sociedade deve ser reconhecida. “Todo o grupo social, como condição da sua continuidade, precisa de transmitir à geração seguinte a experiência acumulada no tempo.” (Iturra, 2009, p.1). Sendo o professor responsável pela instrução dos futuros cidadãos, este precisa estar à par da complexa estrutura social que existe e as constantes mudanças que ocorrem nela.

Mizukami (1986, p. 4) nos traz que o foco do processo de ensino-aprendizagem se dá dentro da estrutura da sala de aula, onde o professor “instrui” e “ensina” os alunos. Dessa forma, reconhece o papel fundamental do ambiente escolar para os futuros responsáveis pela construção da sociedade. Assim, para uma boa formação escolar deve-se dar especial atenção no uso de metodologias aplicadas dentro de sala que atraiam os alunos para a compreensão do mundo ao seu redor.

Dentro dessa discussão, surge a figura do professor como o agente principal do ensino-aprendizagem na formação dentro da sala de aula. Ele traz consigo as ferramentas e possibilidades para a devida formação dos estudantes que estão sendo preparados para atuação dentro da sociedade. Como traz Toledo e Martins (2009, p. 4127), “[...] destacamos a importância do professor, no processo de ensino e aprendizagem e do grupo de alunos, enquanto participantes ativos nos processos de construção do conhecimento.”

Aqui pode-se destacar que a formação formal desse agente, que irá desempenhar papel tão fundamental dentro da estrutura educativa, dá-se dentro da estrutura da universidade. Assim, trazendo à tona a magnitude de se ter devida atenção ao processo de construção desse profissional. Sendo várias discussões feitas acerca da criação e formação desse profissional, que este pode ter várias origens, contudo, sempre mantendo o constante desenvolvimento a partir da experiência desenvolvida nos mais diversos meios de realização docente. É como traz Fonseca (2010, p. 393)

No exercício da profissão, na prática, na experiência da sala de aula, o professor também aprende e se forma. A formação é permanente e complexa. A identidade profissional docente é definida social e historicamente. Como é bastante óbvio, não se nasce professor; torna-se professor. É um processo inacabado.

Na literatura muito se discute da necessidade dessa formação alinhada dentro das necessidades que o mundo atual possui, longe das ideias tradicionais e muito perto de metodologias tecnológicas e inovadoras. Somada às demandas pedagógicas que coloquem o

aluno como sujeito ativo e com potencial de transformação do seu meio, surge o empreendedorismo como ação potencializadora desse processo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz o empreendedorismo como ação que deve ser fomentada dentro das estruturas escolares.

“Há hoje mais espaço para o empreendedorismo individual, em todas as classes sociais, e cresce a importância da educação financeira e da compreensão do sistema monetário contemporâneo nacional e mundial, imprescindíveis para uma inserção crítica e consciente no mundo atual.” (Brasil, 2018, p.568).

Todavia, a implementação de um espaço destinado ao empreendedorismo dentro da escola impõe a importância que os profissionais docentes tenham a percepção do que se trata essa atividade, a empreendedora, e como implementá-la junto às suas disciplinas específicas. Para isso, faz necessário que as universidades estejam também alinhadas à essa demanda e fomentem ações que promovam o conhecimento empreendedor para além das meras perspectivas teóricas.

Dentro dessa abordagem, a Educação Empreendedora se apresenta como uma alternativa pedagógica que visa trazer as reflexões docentes para o campo do empreendedorismo, possibilitando esta formação. Diesel (2019, p.37) diz que “No âmbito da formação inicial de professores, pode-se considerar que desenvolver o perfil empreendedor significa encorajar os futuros professores a inovar suas práticas pedagógicas, de modo que a aprendizagem de seus alunos seja efetivamente concretizada.”.

Em consonância com essa possibilidade, surge dentro da universidade a estrutura da Empresa Júnior (EJ) como um ente capaz de auxiliar a promoção da formação profissional dentro da ótica empreendedora. Pertencendo a uma estrutura maior, o Movimento Empresa Júnior (MEJ), Campos (2010) diz que a ideia que permeia o MEJ passa pela ambição de haver uma forma de aplicação dos conhecimentos e teorias aprendidas em sala na vivência prática, buscando-se uma experiência profissional e uma reflexão acerca das potencialidades desenvolvidas na faculdade.

Assim, a proposta deste trabalho é trazer as potencialidades da vivência dentro de uma Empresa Júnior para formação empreendedora do profissional docente no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Formação docente

Quando analisada a formação docente, diversos são os aspectos que podem ser considerados, desde como a grade curricular universitária está disposta para tal formação até as experiências que o formando pode desenvolver ao longo do seu trajeto. Dentro da vasta literatura sobre esse tema alguns dos pontos mais comuns se referem a capacidade de formação de um profissional consciente do seu meio e capaz de aplicar ações e tecnologias que ressignifiquem o processo de aprendizagem.

Sendo o docente um agente que, ao mesmo tempo, é fruto e participante das transformações do seu meio, “[...] a formação docente tem que ser pensada como um aprendizado profissional ao longo da vida, o que implica envolvimento dos professores em processos intencionais e planejados, que possibilitem mudanças em direção a uma prática efetiva em sala de aula” (André, 2010, p. 176). Dessa maneira, o profissional docente em formação, ou mesmo formado, precisa estar com vistas para uma atuação ampla, de formação contínua e dinâmica.

Em um mundo cada vez mais transformado pela ação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), onde o acesso à informação se tornou mais fácil, as relações sociais estão em constante mudança e, nesse caminho, o modo de encarar a ação de trabalho docente, seja pelas inconstâncias que a atualidade traz ou pelas constantes inovações apresentadas todos os dias, precisa também ser mudada, como diz Imbernón (2022, p. 10)

“Vimos como se questionou o conhecimento nocional e imutável das ciências como substrato da educação e houve uma abertura para outras concepções em que a rápida obsolescência e a incerteza têm um papel importante. Mas o mais importante é que amplos setores demandaram que a educação se aproximasse mais dos aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais., [...]. Assim, começou-se a valorizar a importância do sujeito, de sua participação e, portanto, também a relevância que a bagagem sociocultural [...] assume na educação.”

Assim, a formação docente não pode ser vista como uma mera estruturação para formação profissional, mas como um meio de preparação para que sejam encaradas as novas demandas sociais. Estas que, como apresenta Imbernón (2022), são oriundas de um mundo complexo, onde as dúvidas, faltas de certezas e divergências, são aspectos que o professor conviverá cada vez mais substancialmente.

Dessa natureza, a busca pela inovação dentro do aspecto educacional é cada vez

mais urgente, já que “[...] a nova era requer um profissional da educação diferente.” (Imbernón, 2022, p. 11). Dentro desse aspecto, muito se olha para a aplicação de metodologias ativas de educação como via para que, ao mesmo tempo, o professor seja capaz de fugir das ações educativas tradicionais e tornem o aluno como protagonista da mudança social.

A concepção de metodologia ativa passa pela execução de um processo de ensino-aprendizado onde o aluno será o principal agente responsável pela aquisição do conhecimento. Como apontado por Diesel (2019), na pedagogia ativa, o estudante possui amplo espaço para que se permita ser propiciador do seu próprio desenvolvimento e construção social, ficando o professor como mediador e facilitador para esse processo. Observa-se a figura desse estudante como o protagonista desse processo, como traz Diesel, o sujeito capaz de abrir novas portas para sua vivência.

Entretanto, apesar de muito ser discutida essa forma pedagógica, diversos são os empecilhos para sua efetiva aplicação na prática docente. Como apontado dentro de um contexto de formação docente no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, durante o processo de estágio (um dos meios de formação docente instituídos na universidade), um dos principais problemas apontados pelos alunos estagiários, é o uso constante e único de metodologias tradicionais por parte dos professores (Praciano; Rodrigues; Feitosa, 2021).

Provavelmente, um dos fatores que contribuem para essa incompatibilidade entre o que se é pregado como necessário e o que é de fato aplicado seja o modo como são desenvolvidas as discussões para aplicação dessas mesmas metodologias ativas. Como diz Viégas, Cruz e Mendes (2016, p. 514),

“A análise do ensino praticado pelos professores [...] deixa claro que o modelo tradicional é [...] o que predomina na sala de aula. [...]. Como explicar [...] que teorias pedagógicas inovadoras tratadas, com destaque, como objeto curricular nos cursos de formação inicial e continuada, não se transformem em práticas docentes? [...]. Em particular, nos cursos de formação de professores, a dicotomia entre o que se ensina e o que se pratica se mostra mais evidente: ao futuro professor são oferecidas teorias progressistas sobre o ensinar, sob a forma de uma prática tradicional [...]”.

Dentro da área de atuação docente de Ciências Biológicas, a necessidade de uso de metodologias que tragam os estudantes cada vez mais para o reconhecimento de sua realidade se encontra fundamentada nos próprios documentos norteadores para a prática docente, como a BNCC. O texto traz, tanto a nível do ensino fundamental, onde ocorre o ensino de Ciências, tanto a nível médio, já com as áreas próprias das Ciências da Natureza e suas Tecnologias (disciplinas de Física, Química e Biologia), a importância de formação de

um aluno crítico, reconhecedor do seu mundo e capaz de transformá-lo por meio dos elementos próprios das ciências (Brasil, 2018).

Para além das dificuldades pedagógicas, vale salientar demais problemáticas pertinentes à própria vivência no meio educacional, como a gestão escolar. Como mostrado por Vieira e Bussolotti (2019), a gestão de pessoas, dentro do contexto de gestão escolar, é um dos desafios que diretores precisam enfrentar, podendo partir das falhas nesse nível a justificativa referente a má implementação da gestão democrática nas escolas.

Como trata Dolabela (2003), onde os novos modelos de trabalho - baseados na geração de novos conhecimentos e na identificação de oportunidades - demanda que o sistema educacional, forçosamente, deve ampliar seu currículo para além de somente conhecimentos técnicos e científicos. Dessa maneira, dentro dessas necessidades e perspectivas para o novo profissional docente, este trabalho traz a educação empreendedora como alternativa e possibilidade de um novo caminho dentro da formação em licenciatura, com enfoque para Ciências Biológicas.

## **2.2 Educação Empreendedora**

O Empreendedorismo é uma atividade bastante complexa de se definir, visto que está envolto a uma grande contextualização histórica e social de como os indivíduos que realizam essa atividade estão inseridos. Contudo, em nosso mundo de transformações cada vez mais repentinas, o entendimento e a concepção dessa atividade se torna cada vez mais relevante.

Passando por diversas concepções históricas, a literatura traz diversos significados que podem ser tomados como norte para compreensão do que seria empreendedorismo, ou mesmo empreendedor. Stockmanns (2014) traz, dentro de sua discussão histórica, o conceito de Jean Baptiste Say, economista francês do século XIX, que mostra o empreendedor como aquele sujeito capaz de viabilizar movimentação de recursos, enquanto que já no século XX, o economista austríaco Joseph Schumpeter que apresenta o empreendedorismo como ação potencial de inovação por meio da tecnologia.

Com as constantes inovações tecnológicas e os novos desafios impostos à sociedade moderna, foram realizadas bases para que a atividade empreendedora fosse incluída dentro do contexto educacional como parte dos saberes necessários para o século XXI (Dolabela, 2003). De tal maneira que alguns documentos orientadores da prática educativa

trazem a educação voltada para o empreendedorismo. Assim, confirma-se que o pensar dessa prática para dentro da formação dos professores é de extrema relevância.

Todavia, pensar no Empreendedorismo como forma de Educação não se limita em somente uma preparação para que os alunos se tornem futuros empreendedores, mas sim trazer a tona metodologias para que essa forma de educação, enquanto ação pedagógica, possa ser implementada para efetiva transformação educacional. A transformação social parte da premissa de mudança possibilitada pelo agente empreendedor, como diz Dolabela (2003, p. 28) “A atividade do empreendedor não se restringe à interação técnica com seu objeto de trabalho, mas envolve relações multiformes com a realidade”.

Dentro disso, para discussão desse trabalho, podem ser levantados os questionamentos: 1) quais as bases para implementação da educação empreendedora? 2) Como a educação empreendedora pode contribuir para aperfeiçoamento do processo de ensino de ciências/biologia? 3) Como as universidades, em especial os cursos de licenciatura, têm criado oportunidades para que sejam fomentadas ações de educação empreendedora?

### **2.2.1 Educação Empreendedora: caminho para transformação**

Em literatura, a Educação Empreendedora constantemente se apresenta como um meio para que sejam alcançados os objetivos de aprendizagem necessários para o século XXI. Como faz Dolabela (2003) e Stockmanns (2014), que relacionam a pedagogia empreendedora com os pilares da educação, definidos pela UNESCO, como um caminho para o alcance das formas de saber definidas.

Outrossim, Bruschi, Kampff e Casartelli (2023) aborda como entidades internacionais, como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e documentos de interesse internacional, como o da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento, abordam a necessidade de implementação de uma educação voltada para o empreendedorismo como forma de acompanhamento das urgências do mundo atual. Diversos são os efeitos benéficos apontados pela implementação de um pensar voltado para o empreendedorismo nas matrizes educacionais. “[...] como resultado disso há crescimento econômico, empregos, criação e aumento da resiliência social, mas também crescimento individual, aumento do envolvimento da escola e melhoria da igualdade.” (Bruschi; Kampff; Casartelli, 2023, p. 5).

Contrariando a perspectiva que se pode criar de que o empreendedorismo é uma ação voltada somente ao autocentrado e individualista, a literatura o reconhece como

promotor para ações coletivas que permitam desenvolver uma sociedade mais justa. Como diz Dolabela (2003, p. 29)

“Empreender não significa apenas criar novas propostas, inventar novos produtos ou processos, [...] significa modificar a realidade para dela obter a auto-realização e oferecer valores positivos para a coletividade. Significa engendrar formas de gerar e distribuir riquezas materiais e imateriais por meio de idéias, conhecimentos, [...]”.

Devido a isso, aqui há a concepção de como a educação empreendedora visa uma formação não somente para desenvolvimento do aluno, mas para implementação de ações, dentro de estudantes que sejam protagonistas desse processo, que efetivamente impactam o seu meio. Havendo assim uma conexão entre a ideia do empreendedor que move os recursos a ele disponibilizados e o educador docente que leciona e transmite conhecimentos, ambos com objetivo de mudança de seu meio.

“[...] diante desta realidade educacional e do cenário econômico e social de instabilidades em que vivemos, é preciso estimular o homem, a partir de sua capacidade criativa e de iniciativa própria, à criação de recursos próprios de sobrevivência ou também podemos chamar de espírito empreendedor. Se faz mister desenvolver, no homem, a iniciativa própria, um sujeito que sabe empreender desde a educação básica escolar.” (Stockmanns, 2014, p. 14)

No Brasil, a própria BNCC traz à tona o desenvolvimento do empreendedorismo, principalmente no Ensino Médio, como forma de proporcionar um desenvolvimento para o trabalho e exercício da cidadania, além de reconhecer os valores promovidos por essa atividade.

“[...] uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo (criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros), entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade.” (Brasil, p.466).

Entretanto, a aplicação do empreendedorismo nas escolas perpassa por muitos desafios que culminam por impedi-lá. Como mostrado por Geraldino (2015), que apresenta, dentre os fatores que podem ser destacados, a concentração do ensino de empreendedorismo aos cursos de nível superior, especialmente os cursos de Administração, a falta de capacitação dos professores e a visão tradicional de que a escola prepara os alunos para que se tornem somente empregados.

Isto posto, deve-se buscar ter em mente como o empreendedorismo contribui para área das Ciências da Natureza, especialmente para Ciências/Biologia, e quais meios que os formandos em licenciatura dessa área possuem para que possam se capacitar.

### **2.2.2 Educação Empreendedora dentro das Ciências da Natureza**

Está bem claro que no contexto da Educação Empreendedora, o docente precisa encontrar uma forma diferente de ensino que vá além da tradicional aula expositiva. Bruschi, Kampff e Casartelli (2023), abordam que o docente atua como catalisador e facilitador para essa nova forma de pensar, estimulando os alunos a aprender a aprender, de maneira que o pensar empreendedor é efetivamente fomentado a partir de ações dinâmicas e práticas.

Dentro dessa perspectiva, o incentivo a formação do docente com visão para Educação Empreendedora inicia-se pela formação superior. A formação do docente para metodologias ativas se dá ao longo de toda a graduação, por meio do estímulo a tais práticas, e, assim, a educação voltada ao empreendedorismo encontra um ambiente favorável para ser encorajada. Sendo este favorável a permitir um desenvolvimento mais crítico, reflexivo e em constante aperfeiçoamento (Diesel, 2019).

Nesse contexto, Toledo e Maciel (2023), refletem as diversas competências do professor de Ciências do século XXI estão intrinsecamente relacionadas ao desenvolvimento empreendedor. Ao se comparar as competências trazidas pela Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores (BNC-F) e as competências da BNCC e ligá-las às Competências Empreendedoras, os autores apresentam como elas possuem direcionamentos específicos para o docente da área de Ciências da Natureza, corroborando como a formação empreendedora permite impulsionar o desenvolvimento nessa área.

O pensamento crítico é um dos pilares fundamentais tanto para a prática docente, como para o desenvolvimento discente e a formação empreendedora, estando junto a capacidade de criação e protagonismo, como principais habilidades fomentadas tanto pela área de Ciências da Natureza quanto pelo pensar empreendedor, segundo Diesel (2019) e Toledo e Maciel (2023). Havendo assim uma clara contribuição da Educação Empreendedora para o ensino dessa Ciência.

“[...] o professor de Ciências do século XXI passa a ser visto como um empreendedor do futuro e novas competências passam a ser exigidas desse profissional. O primeiro desafio a ser enfrentado é uma formação docente capaz de instrumentalizar esse empreendedor do futuro para que ele possa formar esse aluno do século XXI.” (Toledo; Maciel, 2023, p.20).

### **2.2.3 Formas de implementação da Educação Empreendedora**

“Inovar tornou-se prioridade para as Instituições de Ensino Superior que desejam

acompanhar as mudanças pelas quais a sociedade está passando. Inovar deve constituir-se numa abordagem que proporcione aos estudantes uma realidade mais próxima ao mundo profissional contemporâneo. ” (Bruschi; Kampff; Casartelli, 2023, p. 3)

Faz-se uma obrigação que as instituições de ensino superior busquem mecanismos que incentivem e permitam o surgimento de ações empreendedoras dentro de seus domínios. Tornando-se as universidades como verdadeiros laboratórios para que sejam testadas inovações de impacto social e de desenvolvimento econômico por intermédio de docentes e discentes (Bruschi, Kampff e Casartelli, 2023).

Entretanto, como diz Geraldino (2015), um dos grandes problemas para desenvolvimento empreendedor dentro das escolas é a falta de capacitação dos profissionais docentes. O que traz a reflexão de como estão sendo implementadas as ações que fomentem o empreendedorismo nos cursos de graduação e, dessa maneira, permitam o fomento à Educação Empreendedora.

Assim, é necessário reconhecer quais ações são desenvolvidas que efetivamente trazem o olhar empreendedor para a universidade. Algumas instituições apostam na criação de laboratórios que tragam ações empreendedoras para dentro das cadeiras das graduações (Bruschi; Kampff; Casartelli, 2023). Bem como a criação de blocos de empreendedorismo, incubadoras de empresas, entre outras.

A Universidade Federal do Ceará (UFC) apresenta o Condomínio de Empreendedorismo e Inovação (CEI) que é responsável por coordenar um conjunto de programas, como o Centro de Empreendedorismo da UFC (CEMP), INOVE Quixadá, Programa Empreende UFC, Empresas Juniores, incubação de empresas pelo Parque Tecnológico da Universidade Federal do Ceará (PARTEC/UFC) e Programas de Extensão. Todas ações voltadas para fomento de ações empreendedoras e inovação (Universidade Federal do Ceará, 2020).

Dentro dessa conjuntura, surgem as Empresas Juniores (EJs) como mecanismos que possibilitam uma formação empreendedora atrelada diretamente às matrizes curriculares. Como fala Wisbiski *et al.* (2020), o Movimento Empresa Júnior vem ganhando destaque por colaborar com a formação prática de seus membros graduandos e permitir uma formação para além de técnica, mas também de responsabilidade social.

### **2.3 Empresas Juniores**

Surgido na França, em 1967, por um conjunto de jovens universitários que buscavam pôr em prática todo o conhecimento teórico adquirido na faculdade, o Movimento Empresa Júnior (MEJ) nasceu da necessidade de se complementar a formação acadêmica permitindo com que os formandos pudessem sair mais preparados para o mercado de trabalho. (Queiroz; Sobrinho; Alexandre, 2008).

Iniciado pelos franceses, mas logo se espalhando por toda a Europa, o MEJ rapidamente alcançou as Instituições de Ensino Superior (IES) em todo o mundo, chegando aqui no Brasil em 1987, por meio da Câmara do Comércio França-Brasil, sendo no ano seguinte fundado a Empresa Júnior Getúlio Vargas, primeira EJ do país (Queiroz; Sobrinho; Alexandre, 2008). Matos (1997, *apud* Dos Santos Penha *et. al.*, 2015), traz que cada vez mais IES aderiram ao MEJ, promovendo assim que organizações que representassem as EJs e promovessem a expansão e coerência do movimento fossem surgindo, como a Federação das Empresas Juniores do Estado de São Paulo (FEJESP). Foi realizado, em 1993, o primeiro Encontro Nacional das Empresas Juniores (ENEJ), com objetivo de ratificar o Movimento e promover encontro dos estudantes (Queiroz; Sobrinho; Alexandre, 2008) (Araujo, 2023). Em 2003, foi fundada a Confederação Brasileira de Empresas Juniores (CBEJ), a “Brasil Júnior” (Queiroz; Sobrinho; Alexandre, 2008), com objetivo de promover o desenvolvimento e o impacto do MEJ a nível nacional (Brasil Júnior, 2021).

Atualmente, o MEJ está representado em cada um dos 26 estados do país e no Distrito Federal, contendo mais de 1500 empresas juniores, em mais de 300 IES, cada uma com sua federação estadual, que auxilia na promoção do movimento (Brasil Júnior, 2021). No Estado do Ceará, a representação se dá por meio da Federação das Empresas Juniores do Ceará (FEJECE) (Dos Santos Penha *et. al.*, 2015), que auxilia na regularização, desenvolvimento e impacto das ações das empresas juniores cearenses (Araujo, 2023).

Acerca da definição efetiva do que é uma Empresa Júnior, diversas definições podem ser dadas, como mostrada pela literatura. O site da SEBRAE (2020), traz “Empresa Júnior é uma associação civil sem fins lucrativos, formada e gerida por alunos de um curso superior, [...]”. Todavia, uma das definições mais aceitas é a dada pela FEJESP,

“empresa júnior é uma associação civil, sem fins lucrativos, constituída exclusivamente por alunos de graduação de estabelecimentos de ensino superior, e que presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral, nas suas áreas de atuação, sob a supervisão de professores e profissionais especializados.” (FEJESP, 2004, *apud* Queiroz; Sobrinho; Alexandre, 2008, p.136)

O marco legal para definição das bases jurídicas sobre o que é uma EJ e qual sua esfera de atuação dentro da sociedade veio com a Lei Nº 13.267, de 6 de abril de 2016, que

permitiu às empresas juniores possuírem um arcabouço legal para melhor eficiência e segurança para promoção de ações junto a demais instituições (Brasil Júnior, 2024).

“Considera-se empresa júnior a entidade organizada nos termos desta Lei, sob a forma de associação civil gerida por estudantes matriculados em cursos de graduação de instituições de ensino superior, com o propósito de realizar projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos associados, capacitando-os para o mercado de trabalho.” (Brasil, 2016, art. 2)

Assim, para que uma EJ possa desenvolver uma correta atuação ela deve seguir uma série de normas. Uma das ações que permite maior segurança a EJ é estar federada a sua federação estadual, como diz Dos Santos Penha *et al.* (2015, p.9), “Para um EJ se federar, é preciso passar por um check-list que abrange: a área legal da EJ, gerenciamento de voluntários e reconhecimento da instituição de ensino superior a ela vinculada.”. Isso se mostra extremamente importante ao se observar toda a gama de possibilidades que a participação em EJs permite.

Como diz Araujo (2023, p. 14),

“Ser uma empresa júnior federada significa que você poderá ter acesso com mais facilidade às outras empresas, para troca de experiências, divulgação de projetos, realização de serviços compartilhados, networking com pessoas de todo o país, além de ajuda na abertura do CNPJ, na contabilidade, na construção de planilhas de acompanhamento de membros, de caixa e de prospecção de clientes.”

Dessa maneira, a experiência vivida dentro de uma EJ vai muito além de atuação técnica e aplicação prática dos conhecimentos adquiridos pela faculdade, mas também, para ações que vão para dentro do universo empresarial. Ademais, a organização de uma EJ é voltada para as pessoas, onde os recursos financeiros são retornados para formação dos membros e promoção do desenvolvimento profissional, que se dá pela venda de serviços desenvolvidos dentro do que é visto ao longo do curso (Luna *et al.*, 2014).

Outrossim, as EJs “são responsáveis por instigar a autonomia e por propiciarem uma visão que ultrapassa a sala de aula, [...]” (Araujo, 2023, p. 14). Portando-se como meio para uma formação mais diversificada, algo de extrema importante dentro de um conceito de formação docente, como trazem Souza e Cunha (2015), onde boa parte da formação dos professores está focada no fator aula, porém deve-se haver uma visão que vai além do “plano de aula”, permitindo a construção de um profissional docente que além de domínio técnico e didático, possuindo a capacidade de se motivar e se adaptar a diferentes realidades.

Por conseguinte, podemos tomar como a vivência dentro de uma Empresa Júnior pode ser incrivelmente fundamental para desenvolvimento de habilidades profissionais docentes e que permitem uma formação com visão a Educação Empreendedora. O

estabelecimento de rotinas e processos de gestão, que propiciam a aquisição de habilidades empreendedoras que contribuem para a vida dentro da inconstância na rotina da sala de aula, são fundamentais para uma boa formação do licenciando (Araujo, 2023). Ainda atrelada com a responsabilidade social de transformação humana com o olhar técnico junto ao socioambiental (Wisbiski *et al.*, 2020) e comprometida com uma postura empreendedora, que incentiva a formação de lideranças com coragem, pensamento inovador e capacidade de realização (Brasil Júnior, 2021).

Dentro desse contexto, o curso de Ciências Biológicas, da UFC, dispõe de uma empresa júnior, a Mata Branca Jr. Soluções Ambientais, que permite e fomenta o desenvolvimento empreendedor dentro do mesmo.

#### **2.4 A Mata Branca Jr.**

Mata Branca Jr. - Soluções Ambientais, de CNPJ 29.587.241/0001-60, é uma Empresa Júnior de Ciências Biológicas pertencente à UFC, com sede no bloco 902, Campus Pici, Bairro Pici, Fortaleza, Ceará. Fundada em 2016, por um coletivo de estudantes que pretendiam trazer para graduação a possibilidade de expansão dos conhecimentos teóricos por meio de ações práticas. Todos os dados aqui apresentados foram retirados dos documentos próprios da empresa, como o Estatuto Social, Regimento Interno, disposições definidas em Assembléia e publicações da empresa em meios diversos, como redes sociais.

A empresa é composta por alunos devidamente matriculados nos cursos de bacharelado ou licenciatura de Ciências Biológicas da UFC, aprovados em processo seletivo e *trainee*. Tais processos ocorrem sob demanda de membros da empresa, sendo amplamente divulgados em suas redes sociais e buscando atingir o público universitário que esteja entre o primeiro e o penúltimo semestre da graduação.

Iniciando pela inscrição realizada por *link* eletrônico, no qual são avaliados inicialmente curriculum, motivação e atividades em equipe. Ainda ocorrendo o processo de entrevista para, em seguida, definirem os aprovados. Estes seguem para o processo *trainee*, onde aprendem sobre o trabalho em cada Diretoria da empresa e, por fim, caso aprovados, tornam-se membros efetivos vinculados como assessores da diretoria que tenha se destacado e possua interesse.

Possuindo uma forma de gestão vertical, a empresa é dividida em 5 (cinco) diretorias, cada uma com seus respectivos diretores, e um Diretor Presidente. Desenvolvendo ações de formação de time, planejamento estratégico, definições de metas, definições de

coordenadoria e ações operacionais, cada membro Diretor lidera uma função essencial para a correta administração e desenvolvimento da EJ, e juntos formam a Diretoria Executiva. Sendo esta, dotada de CNPJ ativo com documentação regularizada junto aos órgãos competentes, como prevê o artigo 19º do Estatuto Social, “A Diretoria Executiva é investida dos poderes de administração e representação da Mata Branca Jr. - Soluções Ambientais, de forma a assegurar a consecução de seus objetivos, [...]” (Fortaleza, 2023).

Assim, conhecendo brevemente sobre a atuação de cada uma, iniciando pela Diretoria de Marketing, que gerencia os meios de comunicação, preza pela identidade visual e realiza captação de clientes por meio de prospecção passiva. A Diretoria Comercial fica responsável pela implementação de modelo de negociação, combinação de serviços, coleta de indicadores pós-venda (CSAT e NPS) e prospecção ativa de clientes. A Diretoria Administrativa-Financeira (DAF) compete o controle contábil e de recursos da empresa, prezando pelo cuidado com os materiais de uso dos membros, controle de entradas e saídas de caixa e regularização judicial. A Diretoria de Projetos é a responsável pela prestação dos serviços desenvolvidos pela empresa, indo desde a gerência de projetos, organização das documentações necessárias até a gestão do time envolvido. A Diretoria de Vice-Presidência fica responsável pela gestão de pessoas do time, envolvendo processos como o processo seletivo e trainee, avaliação de desempenho dos membros, promoção de momentos de interação do time, fomento da cultura empresarial vigente e, nesta diretoria em específico, o Vice-Diretor também se responsabiliza pela substituição do Presidente, caso este se faça ausente. Por fim, a Diretoria de Presidência compete a representação Legal da Empresa, judicial e extrajudicialmente, representação quanto aos órgãos reguladores, como Federação, Pró-Reitorias, etc., comunicação e equilíbrio entre as Diretorias e desenvolvimento de estratégias para melhor crescimento da empresa.

Assim, de posse dessas informações, a figura 1 foi elaborado e apresentado o Organograma da Mata Branca Jr. com todos os cargos presentes dentro da empresa.

Figura 1 - Organograma de cargos da EJ Mata Branca Jr.



Fonte: elaborado pelo autor.

Além disso, desde 2023 a EJ conta com a professora tutora Dra. Marina Duarte Pinto Lobo, professora Adjunto-A, no setor de Biologia Celular do Departamento de Biologia, na Universidade Federal do Ceará, com doutorado e mestrado em Bioquímica e graduação em Ciências Biológicas (bacharelado e licenciatura) pela mesma instituição. Antes, de 2016 até 2022, a tutoria se desenvolveu pelo Professor Dr. Rafael Carvalho da Costa, Professor Adjunto IV e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais da UFC, com doutorado e mestrado em Biologia Vegetal, pela Universidade Estadual de Campinas, e graduação em Ciências Biológicas pela UFC.

Apesar de a empresa ser gerida de maneira completamente autônoma pelos alunos membros, para devida regularização junto a todas as esferas, faz-se necessário a presença de um acompanhamento tutorial por parte de algum membro do corpo docente da IES ao qual faz parte. Tal membro, garante a institucionalização da empresa júnior junto ao curso ao qual faz parte, permite contato direto com os meios acadêmico e extensionistas, promove capacitação e formação dentro de redes de contato, além de auxiliar na gestão da empresa quando solicitado.

A Mata Branca Jr. possui uma carta de serviços especializada na promoção de serviços de ordem educacional. Atuando na realização de minicursos em assuntos de cunho acadêmico e profissional, além de promoção a educação ambiental. Devido à complexidade de mercado e inconstâncias vivenciadas na experiência empreendedora, a empresa sempre está buscando inovar na Carta de serviços prestadas, já tendo realizadas ações de cunho de turismo ecológico, levantamento de flora e análises microbiológicas de água e ar, mostrando

compromisso com a formação profissional dos membros com busca de implementação de serviços de dentro da área de atuação do curso de Ciências Biológicas.

Para além de toda apresentação feita aqui, a Mata Branca Jr. possui grande compromisso com causas de cunho socioambiental. Sendo o valor “Ética Socioambiental” um dos pilares de atuação da empresa que se mostra em ações como limpeza de praia, campanha de doação de sangue, ações de dia das mães e dia das crianças, entre outros. Mostra-se assim que a atuação de EJ não se limita apenas a ações empresariais, mas também a posicionamento quanto às necessidades ambientais, governança e sociais tão presentes no mundo atual. Contudo, vale citar que em tais atos são totalmente vedados de propagandas de cunho político e partidários, como previsto no Estatuto Social, na lei Nº 13.267 e na orientação para empresas juniores da Brasil Júnior.

Diante o exposto, o presente trabalho visa trazer a reflexão do desenvolvimento da formação da Educação Empreendedora, no contexto de formação docente, a partir do relato de experiência de um estudante, enquanto empresário júnior, de graduação em Licenciatura.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Analisar a contribuição da Educação Empreendedora na formação dos discentes de Licenciatura em Ciências Biológicas a partir da vivência na Empresa Mata Branca Júnior.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- 1) Identificar como a Educação Empreendedora pode contribuir para o desenvolvimento profissional de discentes de cursos de Licenciatura.
- 2) Realizar o levantamento das potencialidades desenvolvidas por um estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas na UFC que participa do Movimento Empresa Júnior.
- 3) Relatar como a vivência na Mata Branca Jr. impacta na formação docente.

## 4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Visando atingir os objetivos estabelecidos, precedeu-se a realização de uma metodologia sustentada na caracterização da base do trabalho desenvolvido na forma de Relato de Experiência (RE) e a própria caracterização da experiência a ser analisada.

### 4.1 Relato de Experiência

O tipo de trabalho aqui desenvolvido se identifica como Qualitativo e Exploratório, segundo os conceitos apresentados por Lösch, Rambo e Ferreira (2023), em que a pesquisa qualitativa é caracterizada pela descrição subjetiva do fenômeno observado e, a natureza exploratória, dá-se pela investigação de tal fenômeno proporcionando familiaridade e permitindo a resposta às perguntas norteadoras. Sendo fundamentais para trabalhos dentro da área de Educação, permitem uma observação geral da complexidade do objeto de estudo.

Dentro dessa tipologia, utilizou-se o Relato de Experiência (RE) como instrumento para coleta de dados e desenvolvimento da discussão de cunho acadêmico-científico. Baseado no roteiro de construção proposto por Mussi, Flores e Almeida (2021), o RE visa a expressão escrita de vivências capazes de contribuir na produção de conhecimento.

Seguindo um passo a passo metodológico, o RE caracteriza a trajetória construída pelo autor e permite uma análise crítica dos fatores envolvidos. Dessa maneira, não se identifica apenas a experiência da vivência vivida (experiência próxima), mas também se diferencia e associa de maneira crítico-reflexiva com apoio teórico-metodológico com base na literatura (experiência distante) (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

A seguir, abordam-se os aspectos de caracterização e contextualização do trabalho produzido.

#### 4.1.1 Caracterização da Experiência Vivenciada

A experiência aqui relatada ocorreu de maio de 2021 até julho de 2023, sendo situada durante a atuação enquanto membro da EJ Mata Branca Jr., ação extensionista do curso de Ciências Biológicas da UFC, estando no eixo de vivência empreendedora.

Por compreender um período inicial, em que parte ainda se vivia a pandemia de COVID-19, a experiência se desenvolveu de maneira *online* até 2022, e posteriormente,

presencial. A primeira sempre ocorrera em ambientes virtuais, seja por aplicativos de reuniões como *Google Meet* ou ambientes simulatórios, como *Gather Town*. Enquanto que a segunda se dava em locais diversos, mas, principalmente, na sede da empresa localizada no bloco 902, do Campus do Pici, na UFC. Sendo esta última, o principal local de reuniões presenciais e interação entre os membros, um local pequeno, mas que conta com cadeiras, mesas, armários e demais recursos que possam ser importantes para a prática dos membros da empresa.

Aqui será apresentada a vivência individual, porém é importante destacar que, como experiência empreendedora, diversas pessoas foram importantes para sua construção, como amigos, colegas, orientadores e clientes. Tais pessoas serão apenas citadas em momento necessário, porém não compõe o trabalho em si.

#### **4.1.2 Forma de Análise**

A vivência aqui relatada será apresentada na forma de narrativa autobiográfica acerca da passagem pela EJ, destacando os principais acontecimentos em ordem cronológica dos fatos, que se relacionam com os objetivos buscados. Esta forma de pesquisa possibilita o encontro do individual e do coletivo, a partir da apresentação dos fatos descritos pelo narrador marcada pelo contexto, podendo ser utilizadas a rememoração de situações vivenciadas (Marques e Satriano, 2017).

Para análise e interpretação crítico-reflexiva dos fatos abordados será feito o diálogo a partir da revisão da literatura. Tal literatura foi encontrada utilizando buscadores como *Google Scholar* e *SciElo*, com palavras chaves como “Educação Empreendedora”, “Empresa Júnior” e “Formação docente”, no período de publicação entre 2015-2025.

## 5 RESULTADOS / RELATO DA EXPERIÊNCIA

O início da minha experiência na Empresa Júnior se deu em abril de 2021, com a participação no processo seletivo (PS) e processo *trainee* (PT). Decidindo participar da EJ primeiramente pelo interesse de integrar um projeto da faculdade que me geraria habilidades, logo acabei me envolvendo mais do que esperava. Ainda concluindo o primeiro semestre e vivenciando o período pandêmico<sup>1</sup>, fazer isso exigiu de mim coragem, sendo extremamente importante para meu desenvolvimento não somente acadêmico, mas também pessoal.

Meu conhecimento da EJ se deu durante a recepção dos alunos ingressantes que ocorreu no semestre de 2020.2, onde foi apresentado e realizado um sorteio para um minicurso que era então ofertado. Vindo de uma instituição de ensino técnico médio, já possuía um olhar para a experiência empreendedora, que havia se dado pela realização de disciplinas de empreendedorismo no meu curso anterior. Assim, ao saber da existência de uma empresa no curso de Ciências Biológicas fiquei bastante interessado em participar, pois, para além do que já foi dito, possuo o sonho de desenvolver uma empresa na área do meu curso e acredito na experiência empreendedora. Dessa maneira, inscrevendo-me, em abril de 2021, para participação dos processos seletivo e *trainee*, pude ter uma prática em quase todas as diretorias da empresa.

De maneira geral, em todas me sentia nervoso e inseguro, pois até aquele momento, nunca tinha tido contato com nenhuma das atividades que eram desenvolvidas, tais como preparação de um roteiro para vendas, desenvolvimento de lâminas de divulgação, ou planejamento financeiro. Passada essa fase, segui para a Diretoria de Projetos, a qual me chamou a atenção desde muito cedo devido a possibilidade de poder atuar no desenvolvimento dos serviços da empresa e poder me desafiar como “linha de frente”. Antes mesmo de começar minhas atividades como membro, sempre tive o gosto pela descoberta e busca de desafios, e sentia que a Mata Branca era uma forma de conseguir isso concomitante ao meu desenvolvimento no curso.

O início foi marcado por muita empolgação, a vida enquanto membro efetivo era um misto de vivência entre as ações quanto membro da Diretoria, com reuniões específicas, capacitações e conversas, e enquanto membro da EJ, com reuniões gerais e participação em

---

<sup>1</sup> Período que vai de 16 de março de 2020, com o DECRETO N°33.510 do governo do Estado do Ceará publicado em DOE, com a suspensão das atividades presenciais de ensino em todo estado, até DECRETO N°34.523 publicado em DOE, de 29 de janeiro de 2022, que liberou as atividades presenciais em instituições de ensino em todo o estado.

interações. Esse momento foi extremamente importante para mim, principalmente, devido a todo contexto mundial em que estávamos vivendo.

Era utilizada, nessa época, uma plataforma de reunião chamada *Gather Town* que mimetizava uma vivência presencial. Era um amplo ambiente virtual que permitia não somente encontros para reuniões, mas interações. Foi fundamental para que eu pudesse conversar com os membros mais antigos sobre os mais variados temas, desde assuntos sérios até somente interações. Sinto que essa foi a primeira contribuição da empresa na minha formação: o contato e o compartilhamento de conhecimento.

A pandemia afastou todos da interação social, porém este hábito de todos os membros se fazerem presentes nos locais de contato virtual, que era incentivado pela gestão de pessoas, permitiu-me conectar e conhecer mais pessoas, o que de certo ponto foi uma ação que tentou ajudar a para atravessar toda a crise sanitária mundial. Era uma manutenção do contato humano, mesmo que por vias virtuais. Havia um prazer em estar envolvido na empresa, pois havia uma grande corrente de apoio para todos.

É interessante destacar que vivências em projetos que permitam tamanho contato, no geral, não nos proporcionam somente formação técnica como também um desenvolvimento pessoal, tanto com olhar para o coletivo quanto para a própria individualidade. Por exemplo, quando já estando envolvido na empresa, pude rapidamente perceber certas fraquezas minhas, como o medo. Medo de assumir muitas responsabilidades, medo de assumir proatividade, mas mais precisamente um medo misturado com insegurança, pois sentia não ter muita habilidade no desenvolvimento de tantas ações que eram necessárias na empresa, como conversar em público, porém a minha atuação como *front* de serviço me parecia desafiador demais, e de certa maneira isso me atraía a estar ali.

Após algumas capacitações internas, em junho de 2021, encarei meu primeiro desafio de organizar um projeto, realizando a montagem de um minicurso no tema de fotografia, no qual experimentaria a oportunidade de sair da minha “zona de conforto”. Além de aplicar os conhecimentos adquiridos até então, pude ter meu primeiro contato com um profissional da área biológica.

Nesse mesmo período, dei início a um curso de Gerenciamento de Projetos, que serviu para conhecimentos de diversas ferramentas, técnicas e tecnologia de gerenciamento de projetos, como Scrum, Kanban, divisão da relação tempo, recursos e qualidade, entre outras. Esse tipo de conhecimento foi fundamental para que eu melhor pudesse entender o cerne do que um Projeto é e buscar as melhores soluções para que o minicurso fosse exitoso e desse o retorno buscado.

Nesse momento tive minha primeira reflexão acerca do trabalho que desenvolveria dali em diante e como isso me afetava. Entender fundamentalmente o que é um projeto, qual sua definição, o que se deve fazer ou não, suas características e entre outras coisas. E isso é interessante, porque ao longo da faculdade escutamos tanto falar de projetos (projeto de pesquisa, projeto de TCC, etc) que sequer entendemos o que é um projeto em si, só a finalidade dele. Sempre fiquei pensando que, apesar do carácter empresarial, utilizar aquelas metodologias de gerenciamento poderiam facilitar o trabalho em um projeto acadêmico, pois foram projetadas para todo e qualquer projeto.

Voltando a organização do minicurso, apesar do início ter sido meio conturbado no que se refere a organização, após superados alguns desafios de comunicação com o parceiro, organização de ementa, divulgação e inscrições, para uma primeira experiência foi bastante satisfatória. Permitiu-me ter o primeiro contato com algumas ferramentas, como canva, excel, gravador de vídeo (OBS) e editor de vídeo (*Shortcut*). Tais que são bastante necessárias para o projeto de minicurso, mas também estavam sendo bastante utilizados para o ensino a distância, vivenciado no período.

A pandemia, de maneira geral, levou com que as pessoas buscassem entrar no mundo digital de maneira forçada, isso era visível em algumas aulas de disciplinas, nas quais alguns professores apresentaram diversas dificuldades para ministrarem suas aulas. Então, ter esse contato já na formação, é um passo fundamental não somente para melhor contornar situações-problemas que possam surgir no futuro, mas também para possuir uma visão mais ampla para o uso de tecnologias.

Quero destacar aqui uma reflexão que tive durante a realização de uma disciplina que possuía como foco o ensino de tecnologias aliadas aos processos educativos. Onde estudei conteúdos acadêmicos sobre a necessidade de se aliar tecnologia com ensino, em virtude de isso ainda ser um grande desafio. Vista por muitos como vilã do processo educacional, desde o primeiro contato com minicursos síncronos já pude perceber que estratégias que aliem as TDICs devem ser buscadas para superar esse pensamento retrógrado.

No minicurso de fotografia, por exemplo, foi utilizado pelo ministrante e por todos os clientes, um aplicativo de fotografia de celular, o *Snapseed*, que facilitava a aprendizagem e permitia o treinamento dos conteúdos ensinados durante a aula, além de demais interações. Por causa da preocupação com o aprendizado de todos, para realização de tal serviço, eram desenvolvidas ações como essa que traziam a atenção e permitiam um uso múltiplo de algum instrumento tecnológico, para além do próprio conteúdo ensinado. Isso era visado não somente para os clientes, mas para a formação dos membros envolvidos na

atividade. Informações que eram conversadas com o parceiro, que também era formado no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e possuía vivência profissional, permitiam muito com que várias reflexões fossem desenvolvidas e uma melhor orientação para a própria formação profissional fossem trazidas.

O minicurso de fotografia foi finalizado sendo um sucesso de vendas (foram fechadas todas as vagas que eram destinadas) e com grande satisfação dos clientes. Esse último era um ponto bastante interessante que penso não ser tão bem trabalhado em outras ações da faculdade, a cultura do *feedback* acerca de alguma ação. Tal satisfação com o nosso serviço era medido a partir do cálculo de *CSAT* e *NPS*, métricas fundamentais para que a gente, enquanto empresa, saibamos como estamos nos portando frente ao nosso cliente, desde a divulgação, passando pelo atendimento e indo até a própria entrega do curso.

Ambas pesquisas são feitas totalmente em anonimato e aberta a todas as críticas, que são essenciais para que possamos estar melhorando nossos processos e atitudes. Saber se o nosso posicionamento frente ao que entregamos e como terceiros vêem isso é bem importante, em qualquer projeto, para que possamos observar falhas e receber ideias de melhorias. Saber se o que você faz realmente tem impacto é motivacional para continuar trabalhando nisso.

Nessa mesma época, a Mata Branca Jr. estava tentando implementar um novo serviço de Plano de Gerenciamento de Resíduos do Serviço de Saúde (PGRSS), e todos os membros da Diretoria de Projetos estavam envolvidos na venda. Aqui, pude perceber outro meu grande ponto fraco: comunicação. O processo como todo foi de muito nervosismo devido ao fato de que eu estaria tendo que conversar com uma pessoa completamente estranha (seria por telefone) e convencê-la de adquirir um serviço. Foi muitíssimo fora da zona de conforto e, no fim, não tive sucesso, porém foi uma experiência para eu buscar me aperfeiçoar mais em comunicação como um todo.

Hoje percebo como esse tipo de ação é fundamental para qualquer momento do desenvolvimento profissional. Saber técnicas de vendas e como aplicá-las é importantíssimo para que possamos não somente “vender algo”, mas defender ideias, convencer outros sobre o que entendemos. Como me disse uma vez uma professora no Ensino Médio, “*quem muito sabe, mas não sabe comunicar o que sabe, parece saber tanto quanto qualquer um que não sabe nada daquele assunto que você domina*”. Meio confuso, não é?! Sim, mas o ponto principal é que devemos saber falar sobre o que dizemos dominar para qualquer pessoa, obviamente mudando o nível do que é falado a partir de quem é nosso interlocutor. Apesar de

ouvirmos isso em algumas cadeiras, a prática disso só se dá em projetos extensionistas, como a Mata Branca Jr., onde há interação com públicos variados a todo momento.

No PGRSS pude ter essas reflexões, mas o tempo percebi que saber comunicar em si não era o problema principal, mas dominar o que era fornecido: havia recém chegado ao projeto, não tinha conhecimento pleno do que era aquela atividade. Ainda assim, um ponto de melhoria: compreender mais rapidamente e efetivamente um tema que seja necessário abordagem. Coisa que, já naquela época, já pensava que seria extremamente importante na prática educativa, visto que a qualquer momento, numa sala de aula, pode-me ser cobrado algum conhecimento que não se sabia dominar.

No ambiente empreendedor, como um todo, há constante necessidade de se buscar reinventar o trabalho desenvolvido, inovação. O “carro chefe” da empresa eram minicursos online, porém já havia um desgaste dos membros e de motivação. Aqui, vale citar como se dava a montagem desse serviço: primeiramente, era realizado uma seleção de possíveis temas gerais para minicurso, depois, feito a filtragem por meio de critérios como interesse pessoal dos membros. A partir disso, realizava-se uma seleção dos que estivessem mais próximos da prática acadêmica ou de vivência profissional, para então ser feita votação, por parte do público, no próprio Instagram da empresa, via *story*.

Esse método permitia uma valorização dos membros, pois poderiam se capacitar através de cursos de áreas de interesse próprio, e alinhava às necessidades de mercado. É interessante que em certa parte, isso se aproxima bastante com a definição de temas para ensino (assim como ocorre em cursinhos e nas definições de matrizes curriculares). Sendo tudo isso somente a parte pré-projeto, para depois vir a realização do projeto de fato. Além disso, a definição do que seria ministrado pelo ministrante era realizado em conjunto da equipe do projeto, que também trazia suas visões acerca do tema.

Durante a realização do minicurso, havia uma grande organização para o que cada membro deveria fazer durante e depois do curso. Um ficava responsável por apresentar, guiar e, porventura, ocorresse algum problema, ajudar o ministrante, enquanto que os outros davam suporte em outras ações, como frequência, gravação, divulgação, preparação dos certificados, etc. Havia também uma orientação para interação tanto dentro dos grupos de *Whatsapp*, quanto privados (se fosse preciso), entre os membros, os ministrantes e os participantes, uma gestão de pessoas para com todos envolvidos.

Outra vantagem com relação ao desenvolvimento do projeto de minicursos *online*, residia na própria necessidade do período pandêmico. O distanciamento social forçou com que todos recorrem ao meio online para desenvolvimento dos trabalhos; e dentro do meio

educacional, como já comentado, isso representou um enorme desafio. Conhecer plataformas, pensar em meio de interação pelas telas, buscar sempre formas de inovar na forma de trazer conhecimento, além de acompanhamento de pessoas, foram coisas possíveis graças a realização desse tipo de projeto.

Porém, esse processo todo, após bastante repetido, torna-se mecânico demais e quando se trata de vivência empresarial é fundamental haver uma inovação do produto desenvolvido, tanto para acompanhar tendências de mercado quanto para formar melhores membros. Em outras palavras, buscar soluções para os novos problemas de maneira que haja tanto entradas financeiras quanto trazer novos desafios para os membros, que os formem.

Em agosto de 2021 foi realizado o ECEJ 2021, de maneira *online*. Nesse evento, promovido pela FEJECE, tive meu primeiro contato com uma enorme rede de empresas e empresários juniores de diversas partes do estado e dos mais diversos ramos, tanto juniores quanto seniores. Sendo, apesar das limitações do online, um grande ponto de *network*, onde pude conhecer, pela primeira vez, o termo educação empreendedora.

A educação empreendedora, pelo o que mostrado no evento, trata de um conjunto de ideias que visam trazer um senso de inovação e transformação para os jovens. Por meio do ensino de técnicas, utilizadas no meio empreendedor, para resolução de problemas presentes no nosso mundo de hoje. Dessa maneira, fazendo com que os jovens se sensibilizem com seu meio, busquem metodologias e tragam soluções para os problemas enfrentados.

Um dos pontos que achei mais incrível desse evento é a observação em si de como o MEJ afeta a transformação social. Diversos são os reconhecimentos de empresas e ações que impactam diretamente, não somente o meio empreendedor, mas a vida de muitas pessoas. Um exemplo disso, são empresas que prestam consultorias de administração, gestão e até auxílio jurídico para pessoas comuns espalhadas pelo país. Saí refletindo, principalmente, como minhas ações pela Mata Branca Jr. afetam o público.

Farei aqui um paralelo entre a atuação enquanto professor (que eu já pensava na época e o que vim desenvolver depois durante a atuação nos estágios) e o impacto do minicurso de fotografia que desenvolvi. O professor, seja em sala de aula convencional ou não, busca metodologias que transmitam conhecimentos que auxiliam na interpretação de mundo, por parte do educando, e facilitem a transformação da sociedade. Obviamente, um minicurso pago não possui como primeira linha esse viés educacional, mas afeta da mesma forma, pois a demonstração de uma possibilidade de atuação dentro de uma área não tão conhecida dá a oportunidade de outras pessoas buscarem novas soluções e realizações dentro daquela área.

Cerca de um mês depois do ECEJ 21, ocorreu também o Encontro Nacional de Empresas Juniores (ENEJ), realizado em parceria com a Brasil Júnior. Também online e trazendo a temática de educação empreendedora ao nível nacional, para reconhecimento dos desafios e oportunidades que diversos locais do nosso enorme país possui.

Retornando para a Mata Branca Jr., os desafios continuavam e o maior entrave para superação estava na necessidade de nos mantermos em *home office*, já que o distanciamento social esgotou todas as ideias para mudança de status, mas só até aquele momento. Com o avanço das campanhas de vacinação já se tinha uma mostra de que todo aquele cenário iria se transformar de volta, pois o distanciamento restrito estava chegando ao fim.

Ao final de 2021, no mês de novembro, durante uma outra disciplina do curso, foi realizada uma atividade avaliativa acerca de Divulgação Científica. O trabalho consistia em produzir lâminas de divulgação científica e postá-las em nossas redes sociais. Esse tipo de atividade já era realizada na EJ pelo time da Diretoria de Marketing, então muito associada aos cursos que eram desenvolvidos. Um exemplo, postagens sobre animais marinhos antes de um curso sobre o mesmo tema.

Apesar de eu nunca ter tido um contato íntimo com atividades do *marketing*, observando as ações deles dentro dos projetos e outras atividades, que sempre eram fundamentais para divulgação do minicursos, pude perceber algumas características. Primeira, a linguagem clara, concisa e adaptada ao público, de maneira que envolvesse o leitor de maneira que ele lesse o assunto e se interessasse. Óbvio, nesse caso, ao mesmo tempo que passávamos conhecimentos, estava atrelado à venda de um produto.

Nessa época, a divulgação científica era um grande *hype* e era bastante comentada, todo mundo queria fazer, diversas páginas surgiram, mas havia algumas inconsistências para a devida realização dessa iniciativa. Aqui vai um fato que tanto observei entre os meus colegas naquele trabalho de Genética quanto nessas páginas que fui vendo surgir: a falta de compreensão de quem é público e como se comunicar com ele.

Um grande erro é querer fazer divulgação científica sem primeiro adaptar a linguagem do que é comunicado e sem ter foco na leitura/escuta. Muitos escreviam lâminas de *Instagram* com muitíssimo texto, sem um cuidado com o aspecto visual, entupindo tudo com fontes grossas e que não prendiam a atenção. Isso pude perceber só pela minha pequena observação do trabalho desenvolvido na Mata Branca. Vale citar que quando queremos vender um produto por comunicação passiva, que é o desenvolvido na transmissão de conhecimentos

por essa característica observacional, precisamos reter o público no que é mostrado. Ninguém vai parar para ler um texto gigante de um conteúdo chato e que não é nenhum pouco atrativo.

Tempos depois, a Divulgação Científica se tornou mais sistematizada nas atividades da Diretoria de Marketing, o que contribuiu muito para alavancar a imagem da empresa com o público e que hoje torna a EJ com melhor página de instagram do MEJ CE, já até desenvolvendo trabalho em outras redes sociais. Dessa maneira, a vivência na Mata Branca Jr. oferece uma contribuição para a formação de divulgadores da ciência por meio da capacitação para marketing e comunicação experienciadas nas ações da mesma.

Dando prosseguimento, o ano de 2022 inicia-se com a realização das eleições para as diretorias da empresa e com o novo processo seletivo, em janeiro. Tornei-me Diretor de Projetos e possuímos como primeira oportunidade para mudança de patamar, um projeto de minicurso presencial no tema de Planctonologia. Contudo, não deu nenhum retorno esperado, forçando-nos a continuar estritamente por um tempo nos cursos online ainda.

Foi um período curto e bastante difícil tanto financeiramente, devido a falta de caixa, quanto para gestão de pessoas, pois os membros se encontravam bastante descontentes com a vivência na empresa, além de haver toda uma dificuldade relacionada à readaptação ao presencial. Considero que esse período foi fundamental para que eu desenvolvesse um olhar mais holístico para tudo o que era relacionado à empresa e que poderia vir a viver futuramente.

Sobre essa atuação considero que minhas principais reflexões ficam a cargo de entender o que faz um grupo de pessoas e como buscar desenvolvê-las. Sinto que como Diretor não tive muitas chances de poder reverter a situação da empresa e nem de fazer crescer meus liderados. Contudo, em agosto ocorreram novas eleições e novo processo seletivo, por necessidades internas, onde eu me tornei presidente da empresa em agosto de 2022.

Os desafios agora se encontravam extremamente latentes, obrigando-nos a proporcionar uma renovação completa da empresa, tanto internamente quanto externamente. Trazendo agora um foco em buscar por metas e nos reencontrar como time, fixamos primeiro a necessidade de nos mantermos. Nesse mesmo período, assumi a Diretoria Administrativa-Financeira trabalhando em cima da reconstrução financeira e jurídica. Os problemas de desenvolver pessoas na Diretorias de Projetos agora se tornaram como desenvolver todos os membros da empresa.

Nesse tempo aprendi bastante sobre o uso de plataformas como Excel e Google Planilhas, devido ao trato com os dados, além de haver uma maior leitura jurídica, para

entendimento das bases legais da empresa. Isso me ajudou a conhecer melhor outras plataformas, como o *Google Forms*, que, inclusive, auxiliou-me no desenvolvimento de atividades durante os estágios.

Voltando um pouco no tempo, em julho de 2022, havia participado do ECEJ 22, agora de maneira presencial, onde todo aquele contato com a extensa rede cearense pode ser mais efetivo. Novamente, entrando em contato com diversos tópicos para desenvolvimento empreendedor, trouxe-me o pensamento de “Como trazer essa educação empreendedora para a Mata Branca Jr.?”, pois, naquela altura, a empresa não estava atuando como ela deveria estar. Pouco tempo depois, ainda pude me tornar o representante da empresa junto ao Conselho FEJECE, o que me conectou ainda mais a toda aquela vivência.

A FEJECE traz que, como forma de fazer com o que o membro da sua Empresa Júnior (EJ) tenha a vivência empresarial, é por meio da educação empreendedora que só ocorre por meio de ações. Isso começou a me fazer pensar em estratégias em como fazer isso acontecer. Uma EJ que não desenvolve soluções, não capacita seus membros, não permite que seus membros se desenvolvam, não possui renda para auxiliar seus membros para participar de momentos de conexão com a Rede, aí tudo entra num ciclo de desmotivação e falta de renda.

Como Diretor, logo depois como Presidente, essa era a minha principal preocupação: quem fizesse parte da Mata Branca Jr. precisava ver sentido em fazer parte, seja pela capacitação, pela formação de redes de contato, ou por diversos outros fatores. Esse meu período quanto liderança me fez aprender muito sobre gestão, de maneira geral. O olhar de um gestor para toda uma organização precisa ampla, holística (como já citado), entender como cada parte está agindo para que a integração leve a alcançar novos patamares, que só irá beneficiar a todos.

Isso se relaciona bastante com a vida em uma escola, e com a educação como um todo. Por diversas vezes escutei como um dos desafios dos professores era entender o processo educacional: desde a necessidade individual dos alunos até às obrigações impostas pelos órgãos maiores. E quando um professor cresce numa estrutura escolar, chegando a cargos de gestão, como diretores, coordenadores, etc., isso piora ainda mais, pois não há desenvolvimento gestor para licenciandos. Limita-se a somente uma cadeira que trás algumas leis e processos, mas nada prático para o desafio vivido. Vale citar que houve uma expansão do campo de atuação do biólogo, pelo Conselho Federal de Biologia (CFBio), permitindo atuação na área de gestão escolar, o que torna essa experiência de gestão, que cito sem medo só haver na Mata Branca, ainda mais importante.

Tanto ouvi-se falar, durante a graduação, sobre uma quebra de expectativas de quando se sai da faculdade e se segue para o mercado de trabalho dentro da educação. As necessidades de cumprimento de metas, gerenciamento de demandas e obrigações, são algumas das coisas que mais escutei. Contudo, essa vivência na Mata Branca já me permite ter uma visão melhor preparada para tais coisas.

Acho que é fundamental a gestão vertical que existe na organização para que eu possa refletir isso. A verticalidade na tomada de decisão faz com que haja os líderes e os liderados. Não que sejam tomadas decisões e ações somente monocráticas, mas permite que as pessoas que estão responsáveis pela empresa se sintam muito responsáveis pelas coisas boas e ruins que ocorram com a empresa e seus membros.

Pensando nisso, uma das primeiras coisas que pensei é que os membros precisavam ter um mínimo contato em rede, para que eles soubessem que estavam participando de um ideal maior. A oportunidade veio no ENEJ 22, realizado de maneira híbrida, mas que ainda assim trazia possibilidades de formação bem completas. Ali, pude participar junto a outros dois membros, ao contrário do ECEJ 22 que fui o único representante da empresa. Outra ação foi o desenvolvimento de um minicurso com teoria e prática (híbrido), em colaboração com a EJ do curso de farmácia da UFC (IPHARMA), no tema de plantas medicinais.

Mas não poderíamos nos limitar somente a isso, a partir da ideia de uma membro do time, planejamos para em outubro de 2022, realizar uma atividade de educação ambiental em ecoturismo. No portfólio da empresa não seria um projeto completamente novo, porém que havia ficado parado desde que iniciou a pandemia, e agora pode desenvolvê-lo novamente. Todo o conhecimento sobre como fazer esse tipo de projeto havia ficado no passado, então tecnicamente seria uma inovação dentro do possível.

Aqui meu foco enquanto presidente, como dito, era que os membros entendessem e vissem sentido no que estavam fazendo dentro da Mata Branca Jr., coisa que no meio empreendedor é fundamental: você precisa saber o porquê de estar em um local fazendo algo. “Botar a mão na massa”, para sentir e vivenciar o que acreditavam era fundamental,

O ecoturismo é um projeto em que tivemos muito trabalho em todas as frentes: marketing, vendas, gerenciamento, etc. Outra novidade é que não contaríamos com nenhum parceiro, então seria desenvolvido pelos próprios membros envolvidos no projeto. Sem falar no próprio caráter de estarmos, finalmente, fazendo um outro trabalho que está dentro do escopo de atuação de um profissional biólogo (professor formal ou não), a educação ambiental. E apesar de muito nervosismo, tudo quanto planejado deu certo e, no final, demos

como um sucesso. Foi uma grande ação para o que poderíamos realizar naquele momento da nossa história.

Mesmo animados, nem tudo foram flores, até o final do ano, continuamos com muitos problemas que precisariam ser resolvidos no ano seguinte sem falta, ou representariam o fim da empresa. Ainda foi possível participar do Impacte, outro evento da FEJECE, realizado em novembro, já presencial, que também contou com minha participação e de mais duas membros.

O ano acabava, mas o trabalho não. O planejamento agora se focava para a realização de uma imersão de empresa, com todos os membros possíveis, já no início de janeiro de 2023, ainda na primeira semana. Isso era extremamente essencial para que a empresa pudesse começar o ano com uma cara totalmente nova de tudo que já havia ocorrido até ali. Os erros do passado serviriam de lição para nossas ações daqui para frente. Houve, também, uma renovação da nossa própria identidade cultural, ação necessária para que os membros pudessem se reencontrar quanto membros.

Obviamente, fazia-se necessário lutarmos com as armas que possuíamos, no caso os minicursos, os quais sempre fomos referência. E assim foi feito, com uma repaginação do escopo desse serviço, trazendo temas de maior interesse (interno e externo). Vale citar um minicurso de R que fiquei como gerente, cujo valor arrecadado foi recorde até aquele momento, sendo um indicativo que realmente estávamos andando para o caminho certo.

Chegamos a pensar e planejar novas ações de educação ambiental em ecoturismo, mas naquele momento precisávamos de caixa para sustentar a empresa. Todos os membros compraram o desafio e conseguimos, de pouco em pouco, reerguer a empresa para que pudessemos reviver os sonhos de novos desafios (já tínhamos visto que era possível).

Nesse mesmo período, novas ações que realocavam a imagem da empresa junto aos seus valores, foram pensados, planejados e executados. Como a Limpeza de Praia, que foi desenvolvida pelos membros, logo após o carnaval e virou capa de jornal! Coisas jamais pensadas até então, mas que tinha por viés, principalmente, trazer o senso de responsabilidade socioambiental para os membros e comunidade externa.

É incrível pensar que a liberdade e a responsabilidade desenvolvida dentro da vivência de Empresa Júnior faz com que busquemos ações que transformem e impactam a sociedade, como já citado. Tais ações não se limitaram somente a uma gestão, mas continuam até hoje.

Ao final de julho de 2023, eu encerraria a minha gestão como presidente e enquanto membro. Então tive como foco deixar a empresa em um melhor estado possível para

que, a partir dali, os membros alcançassem voos mais altos e não focassem apenas nos problemas que nos cercavam. Isso foi tanto que tentamos reviver mais um projeto do passado: análises microbiológicas da água. Esse foi feito em colaboração com a EJ do curso de Engenharia de Alimentos (CONALIMENTOS). Dessa maneira, todas as nossas metas de sobrevivência foram batidas até o meio do ano, colocando a Mata Branca Jr. num patamar de reconhecimento histórico.

Posso dizer com mais absoluta certeza que, ao final, eu saí totalmente transformado pela EJ. Experienciar a liderança de um time em busca de um objetivo comum é algo que poucas ações na faculdade podem proporcionar. Atualmente, percebo que eu possuo maior facilidade para comunicação e liderança de qualquer ação que participe. Outro ponto fundamental da mudança é sobre o trabalho em equipe e a gestão de tarefas, que desenvolvo de maneira bem mais fluida e dinâmica.

Além de entender como desenvolver um efetivo processo de comunicação, tanto em capacitação para desenvolvimento de divulgação científica quanto em transmissão de conhecimentos formais, é essencial para minha formação enquanto professor. Sendo algo que poucas outras ações universitárias, como PETs ou outras ações extensionistas, poderiam desenvolver, mas sem estarem atreladas à formação empreendedora.

Por fim, experienciar a gestão de uma empresa júnior traz muito mais confiança para encarar qualquer desafio que apareça. Afinal, fazer com que várias pessoas, até então desconhecidas se reunissem em equipe, buscassem superar desafios, batessem metas, impactem outras pessoas desconhecidas e desenvolvessem em habilidades de *soft* e *hard skills*, não é fácil e fez desenvolver pensamentos que torna nosso trabalho muito mais gratificante.

## 6 DISCUSSÃO

Iniciando pela análise da vivência na Mata Branca Jr., vê-se que há uma incipiente riqueza de estudos em cima da temática de empresas juniores na literatura, mas sendo a maioria não relacionadas a cursos de licenciatura. Isso pode ser um reflexo de uma formação docente, que em diversos níveis, negligencia a formação para uma educação empreendedora, seja pelo desconhecimento do tema ou por não reconhecer sua importância.

Quando tomada a parte de entrada no projeto, no relato, sobre o ingresso na Mata Branca, podemos afirmar que tal evento está dentro de uma tendência apontada na literatura sobre a entrada de membros nas EJs. Como mostrado por Monteiro (2022), que identificou que cerca de 50% dos que participaram da EJ de Engenharia de Alimentos da UFC, a CONALIMENTOS Jr., ingressaram no 1º ou 2º semestre da graduação, assim como também apresentado por Araujo (2023) onde os entrevistados mostraram o interesse de integrar a Harpia, EJ de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), ainda no 1º semestre.

A mesma autora, Araujo (2023), mostra que umas das justificativas para essa tendência se dá pela apresentação da EJ na semana de recepção dos calouros, o que incentiva e influencia tais pessoas que estão iniciando o curso a quererem participar da ação voluntária. Tais ações também são desenvolvidas pela Mata Branca, durante o período de recepção de calouros, contudo é interessante que a promoção da imagem aqui também ocorre pelo desenvolvimento de ações socioambientais, como a limpeza de praia e outros mencionados no relato. É inegável que tais ações aproximam a imagem da empresa à sociedade, abrindo a possibilidade de que a mesma seja conhecida bastante fora dos muros da universidade e tragam certa visibilidade para possíveis futuros membros antes mesmo que estes entrem no curso.

Como prevê a Lei Nº 13.267, “Os estudantes matriculados em curso de graduação e associados à respectiva empresa júnior exercem trabalho voluntário, nos termos da Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998.” (Brasil, 2016, art.3, inc. 2º). Assim, temos ciência que a ação dentro da EJ não tem como pressuposto o recebimento de alguma forma de remuneração, visto que se dá de maneira totalmente voluntária. Dessa maneira, como no relato, o principal interesse para entrada na EJ é o aprendizado de habilidades.

Quem mostra isso também é Monteiro (2022) em sua pesquisa, quando traz o dado que 90,6% dos estudantes marcaram como interesse em entrar na EJ o “desenvolvimento de habilidades”. A “vontade de aprender” também é outro fator que motiva diversas pessoas a

entrar na empresa junior (Araujo, 2023). Rocha (2020) também traz em uma comparação entre membros do PET e da Empresa Júnior, que o perfil do ingressante neste último é desenvolver habilidades e busca por conhecimento. Uma vez tendo esses fatores, vale comentarmos quais são essas habilidades buscadas e como elas podem favorecer o desenvolvimento em educação empreendedora para um licenciando.

Ao longo do relato, muito se apresenta sobre habilidades que são desenvolvidas, desde as de caráter técnico, como as interpessoais, sendo elas, geralmente, referidas no meio empreendedor, respectivamente, como *hard skills* e *softs skills*. Havendo certa discussão acerca da profunda diferença entre ambos, o último, geralmente, é apontado como um elemento chave para construção de relacionamentos, geração de visibilidade e criação de oportunidades (Monteiro; De Freitas, 2019), tais características são fundamentais para qualquer profissional.

É interessante a discussão acerca dos desafios de realização de projetos, gerenciamento de time, trabalho enquanto Diretor e o cumprimento de metas, pois essas são fundamentalmente algumas das principais ações que são desenvolvidas quanto membro de EJ e que promovem o aprendizado empreendedor. Assim como apresentado por Monteiro (2022), no qual o ambiente apresentado pela EJ, com batimento de metas, trabalho com time diversificado e relacionamento com clientes, contribui para que as habilidades que se destaquem na vivência sejam comunicação, criatividade, trabalho em equipe e liderança.

Outras características fundamentais de abordar são as habilidades que potencialmente podem influenciar a prática docente do licenciando do ponto de vista técnico, aqui se destacando as *hard skills*. Na Mata Branca Jr., dadas as condições, muito se estimulou o uso de ferramentas *online*, como as citadas no relato, mas também para realizações de ações que aplicassem o conhecimento adquirido no curso. As duas principais ações que representam isso são o serviço de minicursos e a ação de divulgação científica.

Inicialmente comentando sobre os minicursos, é importante que tenhamos ciência de que, como diz Santos (2020), a pandemia de Covid-19 transformou drasticamente nossas relações de vida em sociedade, levando-nos ao isolamento social e exigindo com que desenvolvêssemos alternativas para nossas ações, antes realizadas no mundo presencial, agora dentro de casa. Diante desse novo cenário, que impossibilitava o pleno desenvolvimento das formações universitárias, necessitou-se a adaptação do processo educativo, dentro do contexto extraordinário que ficou conhecido como “Educação Remota de Emergência” (ERE), que possibilite uma formação mais satisfatória possível (Garcia *et al*, 2020).

Havendo intensa participação de diversas empresas fornecendo temporariamente variados serviços voltados exatamente para o desenvolvimento online, como videoconferências, conteúdo educacional, para além de ferramentas e recursos, que permitiam a transição para o novo cenário (Williamson; Eynon e Potter, 2020). Dessa maneira, podemos destacar que ocorreu uma corrida para transferência das formas de execuções de trabalhos, antes presencial, para o remoto, impactando inclusive o corpo universitário, que possuiu uma adaptação para o novo cenário.

Observando todo esse cenário de adequação para um que ensino que cumprisse com as necessidades do ERE, auxiliasse na aquisição de conhecimentos e formação profissional, houve uma oportunidade para os cursos online. Sendo essa uma modalidade não recente, e como diz Silva (2010), tratando-se de um ambiente que já vinha se perpetuando dentro da sociedade através da expansão da internet, no início do século XXI, é caracterizado por perspectivas de interatividade, flexibilidade e temporalidade. Esse é um meio que permite a conexão de diferentes pessoas a partir de diversos locais do planeta e que possibilita que elas possam seguir seus próprios ritmos de tempo.

Dada a necessidade que surgiu dentro do contexto de pandemia, de se permitir a contínua formação dentro de meio online, aliada com a missão de formação empreendedora e profissional da Mata Branca Jr. para com os graduandos, desenvolveu-se uma série de serviços de minicursos online pagos, de maneira síncrona e assíncrona. Os cursos foram desenvolvidos dentro de conteúdos voltados para a área de formação da Ciências Biológicas, porém eram abertos para todo público geral e com o uso de diferentes plataformas que agregassem o público e permitissem um bom desenvolvimento das temáticas ministradas.

Dentro do relato é explicado como tais serviços eram desenvolvidos, mas para além disso, é importante o destaque de como a interação com tais instrumentos possibilitaram tanto a aquisição de habilidades geralmente são preconizadas como uso de planilhas, trabalho com dados, delineamento metodológico e cultura de *feedback*. Tais experiências podem ser adquiridas através de outros projetos, porém quando considerado o contexto em que foram realizados - formação inicial do graduando aliada a ação empreendedora - e adicionamos a percepção docente, vemos que se abriu a possibilidade de haver um desenvolvimento voltado para uso das TDICs.

Pessoa (2020) aponta existir uma escassez de disciplinas que trabalhem a temática de tecnologia, gerando uma formação de professores que omite as potencialidades que a integração do ensino com a tecnologia poderiam proporcionar. Assim, de certa forma, podemos afirmar que a vivência na Mata Branca Jr. permite que os futuros docentes “driblem”

essa carência a partir da aplicação prática de tecnologias que facilitem e melhorem o processo de ensino nos minicursos. Vale uma pesquisa futura que foque no impacto dos minicursos na vivência de demais membros, como eles apoiam a formação profissional como um todo.

Dentro dessa perspectiva de novos horizontes de possibilidades para a docência, vale citar o trabalho de divulgação científica, ação que se tornou tão conhecida nos últimos anos e se demonstrou fundamental para o desenvolvimento da ciência na sociedade. Como diz De Albergue *et al* (2022, p. 1137), sobre a função social da divulgação científica

“ [...] a contextualização do conhecimento científico, como propulsores de democratização para a participação crítica e ativa na sociedade. Compreendemos que os TDC [Textos de Divulgação Científica] são importantes recursos pedagógicos dentro dos LD [Livros Didáticos], onde recebem um novo caráter discursivo com características próprias de conhecimento científico e escolar, aproximando-se mais do cotidiano dos alunos.”

Assim, é importante que dentro da formação docente também esteja presente esse elemento que se apresenta como mais uma meio disponível para a implementação educativa. Estando a Mata Branca também como um instrumento que abre possibilidades para capacitação em tal ação. Contudo, é importante salientar que a sua execução não possui somente uma finalidade formadora, mas também comercial e cultural.

Urge a necessidade de se ressaltar que nem todas ações e habilidades desenvolvidas precisam necessariamente ter uma aplicação imediata ou uma finalidade deduzida. É como apresenta Araujo (2022) em que em seus relatos deixam claro como a bagagem de conhecimentos e experiências vivenciadas na EJ podem ser levadas para sala de aula com um uso mais ativo do que de alguns alunos que não os possuem, destacando o caráter preparatório para a vida profissional.

Seguindo pela linha das várias contribuições para formação do futuro docente, desenvolve-se um olhar cuidadoso para uma experiência que bastante é comentada e que muito é necessária dentro do contexto escolar: a gestão. Sendo exposto, ao longo do relato, diversas situações de gerenciamento de conflitos e cumprimento de metas, ações que promovem essa prática gestora que futuramente pode ser levada para o meio escolar.

Para reforçar como tal experiência é importante, Oliveira, Carvalho e Brito (2020) mostram que há uma discrepância entre a oferta de disciplinas que tratam sobre a gestão escolar, quando comparadas às demais licenciaturas com os cursos de pedagogia. Porém, dados quantitativos apontam para um equilíbrio entre a porcentagem de diretores que possuem esta como formação inicial, e aqueles que possuem outras licenciaturas.

Outros autores mostram como certas experiências realizadas em meio a gestão escolar são bem próximas do que foi mostrado no relato, trazendo o paralelo entre a vivência escolar para as práticas de dentro da Mata Branca. Vieira e Bussolotti (2019) trazem como a organização estrutural, financeira, gestão de recursos humanos e gestão documental como partes integrantes da vida escolar e que se põem como desafios. Tais desafios, dadas suas proporções, são experienciadas no controle e gerenciamento de EJs. Assim, podemos supor que o licenciando que passasse por tal, encontraria menor dificuldade no momento de encará-los no contexto escolar.

As *soft skills* já comentadas aqui podem ser mostradas como parte constituinte das necessidades apresentadas no contexto gestor escolar.

“[...] é necessário um bom conhecimento técnico, uma desenvoltura proativa e inteligência emocional, agindo de forma inteligente para conquistar a confiança dos variados sujeitos com suas peculiaridades de personalidades que trafegam pelo ambiente escolar” (Sousa, 2017, pág. 38)

Não somente para preparação gestora, mas a vida na EJ também permite a preparação enquanto “professor de sala”, visto a necessidade de planejamento e organização que este profissional precisa ter, cumprindo com planos e ações que advêm de várias esferas, desde a própria coordenação até às demandas que os alunos possuem. É como diz Araujo (2020), as ações de planejamento estratégico desenvolvidas para cumprimento de metas também podem ser observadas dentro da vida do professor, além das necessidades de comunicação e trabalho com pessoas diversas, que são fatores de extrema importância na prática educativa.

Trazendo para um contexto mais próximo da Licenciatura em Ciências Biológicas, a Resolução nº 700 de 20 de abril de 2024, do Conselho Federal de Biologia, trouxe a área da Educação como área de atuação do biólogo, dando maior suporte para os licenciados para trabalhos dentro dessa área. Todavia, aqui vale o destaque o item XII, do artigo 8º, que traz a Gestão Educacional (Conselho Federal de Biologia, 2024) como ação do profissional licenciado em Ciências Biológicas, reforçando ainda mais a necessidade de ações que fomentem esse tipo de trabalho e preparem os futuros docentes. Isto dá maior peso à experiência vivida dentro da EJ Mata Branca Jr.

Assim, pode-se afirmar a grande importância que a experiência na EJ, como a Mata Branca Jr., para a formação dos futuros professores de Ciências/Biologia, de maneira que a Educação Empreendedora muito pode contribuir para tal. Todavia, são necessárias reflexões sobre como se pode potencializar essa ação. A ideia de aliar educação e

empreendedorismo pode parecer bastante “estranha”, porém a literatura vem mostrando que é um caminho já tomado a certo tempo e cada vez mais presente. É como mostra Campos (2010), ao relatar que durante a fundação da EJ Práxis, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, houve receio e preconceito por parte de membros integrantes do curso devido ao relacionamento entre educação e empreendedorismo.

Tal posicionamento pode ser derivado de uma ideia errônea de que um empreendedorismo educacional seja vista apenas para “vender” educação, como foi o que ocorreu com a autora mencionada, indo contra diversos pensamentos democráticos da sociedade, mas o que pode ser mais relevante seja a falta de conhecimento acerca de empreendedorismo. Pegando o relato, vê-se que grande reflexões sobre Educação Empreendedora se deu em eventos empreendedores, todos promovidos pelas entidades do próprio MEJ, como a FEJECE e a Brasil Júnior. Ficando claro que para quem não é participante da empresa júnior, não há incentivos para inserção, quizá reflexão, acerca desse tema.

Nascimento (2023) mostra em sua pesquisa, realizada com um público universitário de diversos locais do país, acerca do conhecimento sobre EJs e educação ambiental, que em um total de 68,2%, dos pesquisados desconhecem ou pouco conhecem acerca do MEJ. Somado isso com o que já vem sendo falado, há de se afirmar que parte do público universitário simplesmente não conhece ou sabe muito pouco sobre educação empreendedora.

Tal fato, dentro da estrutura curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC, pode ser explicado porque não há oferta de nenhuma disciplina sobre empreendedorismo, seja optativa ou obrigatória. Outros programas da própria universidade visam ofertar essa formação empreendedora, como as já citadas anteriormente, do Condomínio de Empreendedorismo, mas há de se pensar que tais formações não sejam situadas dentro do universo do curso, o que talvez não desenvolvam o potencial total do próprio aluno dentro de sua área específica.

Todavia, esse mesmo vácuo de ensino empreendedor dificulta o despertar do interesse dos graduandos para o tema. Este público possui uma mente, como diz Dolabela (2003), que foi moldada para desconsiderar a possibilidade empreendedora e tê-la como uma ação reservada para poucos. Assim, uma experiência empreendedora própria para o curso poderia auxiliar nesse desenvolvimento, além de trazer maior interesse em participação para o MEJ.

Quando buscado em literatura sobre análise de currículos de cursos de licenciatura, em especial de Licenciatura em Ciências Biológicas, não se vê menção a ensino empreendedor. Apesar de se saber que alguns cursos possuem em suas estruturas curriculares a disciplina de Empreendedorismo, há carência de mais disciplinas voltada para formação teórica e prática para Educação Empreendedora focada para o público licenciado. Sem tal elemento dentro da própria grade curricular dos cursos de licenciatura, ocorre aquele escasso interesse pelo tema por parte dos formandos.

Outrossim, é a reflexão acerca da própria carreira docente. Uma matéria do G1 de 2022, intitulada “Brasil pode enfrentar ‘apagão de professores’ em 2024, diz pesquisa”, traz uma pesquisa que apontou para um cenário preocupante de enorme escassez de profissionais docentes em todo o país. Tal situação se dá devido a vários fatores, como a falta de interesse dos jovens e ao abandono da carreira docente de maneira precoce devido à falta de valorização profissional (G1, 2022).

Dentro deste contexto, o MEJ e a Educação Empreendedora surgem como uma possível contribuição para melhorar tal situação. O primeiro muito se apresenta como uma preparação para o mercado de trabalho, aqui devemos ter em mente então o que seria o mercado de trabalho docente. Como explica Imbernón (2022), a reflexão sobre a profissão docente não pode se limitar unicamente à formação inicial, mas também ao conjunto de fatores ambientais de ao longo da vida profissional que podem favorecer ou impedir a plena realização desse profissional.

Nessa conjuntura, a Educação Empreendedora muito favorece o desenvolver alternativo para esse profissional. Como afirma Dolabela (2003) ao abordar que essa educação visa permitir a transformação social a partir do sonhar e do realizar da mudança do meio social, a partir de um profissional que está sempre se construindo. Dessa forma, as várias competências proporcionadas pela participação em empresa júnior potencializa e contribui enormemente para abertura de uma nova perspectiva social para o futuro docente.

A compreensão plena da Educação Empreendedora perpassa por diversos fatores e abordagens. Por consequência, fazendo-se necessário um novo olhar dos mais diversos cursos de licenciatura para essa nova possibilidade formadora que muito se relaciona com os novos desafios vividos pela realidade de grandes mudanças.

Sendo esta de grande valia para formação dentro dos cursos, da mesma maneira, o incentivo e apoio às atividades de EJs construídas dentro de cada um se faz de suma importância. Visto que elas enfrentam um contexto de bastante dificuldade, desde a

compreensão do que seria o meio empreendedor até a resistência ao se inserirem em um mercado cada vez mais problematizado.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente ainda se apresenta como um grande desafio ao passo que encara uma sociedade cada vez mais mutável, em que tanto as ideias sobre educação quanto o papel dos educadores/professores se vêem em diferentes problematizações. Isso reflete a necessidade de fomentar novas formas de se encarar tal formação e permitir que novas experiências contribuam para a inclusão de habilidades sintonizadas nessa nova realidade.

Ao longo do trabalho, foram alcançados os objetivos estabelecidos por meio do relato de experiência e da discussão de tópicos apresentados. Tornando evidente como a participação na Mata Branca Jr. foi de grande potencializadora para a formação inicial do licenciando, enquanto que o conhecimento vivenciado da educação empreendedora abriu um horizonte de possibilidades que muito contribuirão para a formação continuada e profissional.

Destacam-se principalmente a aquisição de habilidades quanto à gestão de tarefas, uso de ferramentas tecnológicas, uso de planilhas e métodos de comunicação em redes sociais, sites e outros, do ponto de vista técnico. Do caráter interpessoal, estão o trabalho em equipe, liderança de time e proatividade, como principais aquisições da vivência relatada, entendendo como tais aptidões muito contribuem para a rotina docente.

Este trabalho abre possibilidades de que mais pesquisas sejam desenvolvidas abordando essa temática. Além de tomar o olhar capacitador para divulgação científica e ação socioambiental que a Mata Branca Jr. possui, valeria investigações sobre os impactos que tais ações desenvolvem tanto no público interno, os membros da empresa, quanto na percepção do público externo, como seguidores, clientes e outros contribuintes, e as contribuições para os licenciandos.

De modo igual, algumas outras contribuições que podem ser inferidas referem-se à própria percepção sobre empreendedorismo e educação. O trabalho não objetivou a dissecar esse tema por completo, porém é razoável entender que a educação empreendedora é um tema complexo e que exige uma atenção das pessoas responsáveis pela formação dos futuros profissionais docentes.

Estando com características bastante reconhecidas em literatura, é válido que os corpos gestores universitários compreendam sua importância e fomentem meios. Finalmente, seja por ações como palestras, conversas ou mesmo numa eventual reformulação de grade curricular, trazer a visão para essa “nova” forma pedagógica que surge se mostrando como uma ponta para melhor transformação ambiental, social e política, é extremamente urgente.

## REFERÊNCIAS

- AIRES PRACIANO, Jaírla Bianca; FONTENELLE CAMELO RODRIGUES, Natália Velloso; ALVES FEITOSA, Raphael. ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES DISCENTES. **Revista Prática Docente**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. e064, 2021. DOI: 10.23926/RPD.2021.v6.n2.e064.id1144. Disponível em: <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/352>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- ANDRE, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação. Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 33, n. 03, p. 174-181, dez. 2010. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-25822010000300002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-25822010000300002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 dez. 2024.
- ARAUJO, Camila Maria Mendes. **Empresa júnior e licenciatura**: o que as histórias de vida nos contam sobre a formação docente em Ciências Biológicas. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual do Ceará - UECE, Centro de Ciências da Saúde, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/pesquisarItemPublico.jsf>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Lei nº 13.267, de 6 de abril de 2016. Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. **Diário Oficial da União**, Brasília, n.65-A, p.1, 7 abril 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13267.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13267.htm). Acesso em: 22 dez. 2024.
- BRASIL JÚNIOR. **Relatório de Legado 2021**. [s.l.], 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18icPtjhayi5qF4TJTCLwOcqYfrmcDSc/view>. Acesso em: 22 dez. 2024.
- BRASIL JÚNIOR. **Um marco para o MEJ brasileiro: A Lei das Empresas Juniores e o impacto na juventude empreendedora**. [s.l.], 2024. Disponível em: <https://brasiljunior.org.br/blog/um-marco-para-o-mej-brasileiro-a-lei-das-empresas-juniores-e-o-impacto-na-juventude-empreendedora>. Acesso em: 22 dez. 2024.
- BRUSCHI, Giovana Fernanda Justino; KAMPPFF, Adriana Justin Cerveira; DE OLIVEIRA CASARTELLI, Alam. Educação empreendedora em uma instituição de educação superior brasileira: caminhos para o seu desenvolvimento. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 16, n. 35, p. 1-15, 2023.
- CAMPOS, Camila Nascimento. **A experiência de uma empresa júnior na educação: possibilidades e perspectivas**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2010.
- CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. **Resolução Nº 700, de 20 de abril de 2024**. Brasília: DOU, 2024, seção 1.

DE ALBUQUERQUE, Kleber Almeida *et al.* A contribuição dos textos de divulgação científica para a educação científica. **Conjecturas**, v. 22, n. 1, p. 1118-1140, 2022.

DE QUEIRÓZ, José Reginaldo; DE OLIVERIA SOBRINHO, Luiz Vieira; DE OLIVEIRA ALEXANDRE, Mauro Lemuel. Dinâmica empreendedora no processo de formação acadêmica: o papel de empresas juniores. **Revista INTERFACE-UFRN/CCSA ISSN Eletrônico 2237-7506**, v. 5, n. 2, 2008.

DIESEL, Aline. Protagonismo, educação empreendedora e metodologias ativas de ensino nas licenciaturas: um estudo de caso. **Voces y silencios. Revista Latinoamericana de Educación**, v. 10, n. 2, p. 32-49, 2019.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003. ISBN: 85-89759-01-6.

DOS SANTOS PENHA, Emanuel Dheison *et al.* Empresas Juniores: o processo de institucionalização em universidades públicas do Ceará. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, p. 1-24, 2015.

FONSECA, Selva. O trabalho do professor na sala de aula: relações entre sujeitos, saberes e práticas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 91, n. 228, 2010.

FORTALEZA. Cartório Pergentino Maia. **Registro de pessoa jurídica**. Registro em: 23 maio 2023.

G1. **Brasil pode enfrentar ‘apagão de professores’ em 2024, diz pesquisa**. [s.l.]: G1 Educação, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/29/brasil-pode-enfrentar-apagao-de-professores-em-2040-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 21 de jan. de 2025.

GARCIA, R. V. B. et al.. Ensino Remoto Emergencial: práticas educacionais e percepções docentes. **Educação & Realidade**, v. 48, p. e124612, 2023.

GERALDINO, Fernando Henrique. **O ensino de empreendedorismo nas escolas públicas do município de Cacoal/RO**. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração) - Universidade Federal de Rondônia, Departamento Acadêmico do Curso de Administração, Cocal, 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. v.14. (Coleção questões da nossa época)**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2022. *E-book*. p.11. ISBN 978655552539. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/978655552539/>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ITURRA, Raul. **O processo educativo: ensino ou aprendizagem**. 2009.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LUNA, Iúri Novaes *et al.* Empresas juniores como espaço de desenvolvimento de carreira na graduação: reflexões a partir de uma experiência de estágio. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 441-451, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572014000400010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000400010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 dez. 2024.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecilia. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 23, n. 51, p. 369-386, set. 2017. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-04312017000200369&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312017000200369&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 29 dez. 2024. <https://doi.org/10.2017/lcv23n51.369>.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: **Editora Pedagógica e Universitária**, 1986.

MONTEIRO, Adálya de Lima. **A empresa júnior e sua contribuição na formação do profissional de engenharia de alimentos do estado do Ceará**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de Bacharel em Engenharia de Alimentos) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Engenharia de Alimentos, Fortaleza, 2022.

MONTEIRO, Soraia A.; DE FREITAS, Alan Ferreira. Ensino superior e empreendedorismo: a experiência das empresas juniores. **Empreendedorismo Universitário**, p. 18-29, 2019.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NASCIMENTO, Romeu Coelho do. **A IMPORTÂNCIA EDUCACIONAL DO MOVIMENTO EMPRESA JÚNIOR E A CARÊNCIA DE NOVAS EMPRESAS JUNIORES EM BIOLOGIA E NO SEGMENTO SEMIPRESENCIAL**. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Biociências e Biotecnologia, Campos dos Goytacazes, 2023.

OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; CARVALHO, Cynthia Paes de; BRITO, Murillo Marschner Alves de. Gestão escolar: um olhar sobre a formação inicial dos diretores das escolas públicas brasileiras. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 473-495, 2020. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2447-41932020000200473&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2447-41932020000200473&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jan. 2025. Epub 11-Jan-2021. <https://doi.org/10.21573/vol36n22020.99857>.

PESSOA, Francisco Nunes. DESAFIOS DA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE PARA USO DAS TDIC NA EDUCAÇÃO BÁSICA.. **REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM - ISSN 1984-7866**, [S.l.], v. 13, n. 01, p. 31-47, sep. 2020. ISSN 1984-7866. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/2996>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

ROCHA, Matheus de Oliveira. **Programa Educação Tutorial (PET) Versus Empresa Júnior**: análise de motivação de voluntários. 2020. Trabalho de conclusão de curso

(Graduação em Bacharelado em Administração) - Universidade Federal de Campina Grande, Curso de Administração, Campina Grande, 2020. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/17757>. Acesso em: 16 fev. 2025.

ROSSI, George Bedinelli; SERRALVO, Francisco Antonio; JOAO, Belmiro Nascimento. Análise de Conteúdo. **ReMark - Revista Brasileira de Marketing**, [S. l.], v. 13, n. 4, p. 39–48, 2014. DOI: 10.5585/remark.v13i4.2701. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/12049>. Acesso em: 29 dez. 2024.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SEBRAE. **Empresa Júnior – O que é? E como funciona?**. [s.l.]: 2020. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/empresa-junior-o-que-e-e-como-funcao,e3a048ae422fe510VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em: 22 dez 2024.

SERTILLANGES, A. -D. **A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos**. São Paulo: É Realizações, 2010. ISBN 978-85-88062-86-3.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 03, 2010.

SOUSA, Cleantes Cruz de. **O papel do secretário escolar numa instituição pública do município de Fortaleza: ética profissional e compromisso político-social**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação - FACED, Fortaleza, 2017.

SOUZA, V. C. de A.; CUNHA, A. A. Contribuições da Empresa Júnior para a Formação Profissional dos Estudantes de Química e Engenharia Química da UFV. **The Journal of Engineering and Exact Sciences**, Viçosa/MG, BR, v. 1, n. 1, p. 30–44, 2015. DOI: 10.18540/jcecv1i1iss1pp30-44. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/jcec/article/view/2446941601012015030>. Acesso em: 22 dez. 2024.

STOCKMANN, Jussara Isabel. **Pedagogia empreendedora**. 2014.

TOLEDO, Carlos Magno; MACIEL, Maria Delourdes. Educação empreendedora e as competências do professor de ciências. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 4, n. 5, p. e453219-e453219, 2023.

TOLEDO, Elizabete Humai de; MARTINS, João Batista. A atuação do professor diante do processo de inclusão e as contribuições de Vygotsky. In: **IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE/III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia-ESBP-ABPp**. 2009. p. 4127-4138.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Condomínio de Empreendedorismo e Inovação**. Fortaleza: UFC, [2020]. Disponível em: <https://condominio.ufc.br/>. Acesso em: 18 dez 2024.

VIÉGAS, Ana Luísa Dela Cruz; CRUZ, Lílian Mara Dela; MENDES, Ana Paula Faustino Tieti. Formação de Professores em Ciências Biológicas: Desafios, Limites e Possibilidades. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 16, n. 5, p. 507–519, 2016. DOI: 10.17921/2447-8733.2015v16n5p507-519. Disponível em:

<https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/3866>. Acesso em: 9 dez. 2024.

VIEIRA, Ana Elisa Ribeiro; BUSSOLOTTI, Juliana Marcondes. GESTÃO ESCOLAR: um estudo de caso sobre Escolas Técnicas. *Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão, [S. l.]*, v. 20, n. 1, p. 45–70, 2019. DOI: 10.33836/interacao.v20i1.167. Disponível em: <https://periodicos.unis.edu.br/interacao/article/view/167>. Acesso em: 10 dez. 2024.

WILLIAMSON, Ben; EYNON, Rebecca; POTTER, John. Pandemic politics, pedagogies and practices: digital technologies and distance education during the coronavirus emergency. *Learning, Media and Technology*, v. 45, n. 2, p. 107-114, 2020.

WISBISKI, Eduardo Augusto Buss et al. Engenharia, Empresa Júnior e Educação Empreendedora: estudo de caso de projetos sociais que impactaram além das universidades. *Brazilian Applied Science Review*, v. 4, n. 3, p. 1271-1287, 2020.